

**MOVIMENTO
CONSERVACIONISTA
TERESOPOLITANO
2022**

Jornal Resistência Verde S.O.S. Terra

Volume 03
2022

**MOVIMENTO
CONSERVACIONISTA
TERESOPOLITANO
2022**

Jornal Resistência Verde
S.O.S. Terra



JORNAL RESISTÊNCIA VERDE - S.O.S. TERRA

Volume 3

2022

Diretor Executivo: Cassia Cristina Cunha

Conselho Editorial e Projeto Gráfico: Cassia Cristina Cunha e Thaís Parméra

Editor de Arte: Thaís Parméra

Colaborador: Víctor Hugo Borges Saraiva

**Para mais informações acesse: <http://resistenciaverde.blogspot.com/>
e-mail do jornal: jornalresisteciaverde@gmail.com**

As matérias publicadas são de total responsabilidade de seus autores

Movimento Conservacionista Teresopolitano

MOVIMENTO CONSERVACIONISTA TERESOPOLITANO 2022

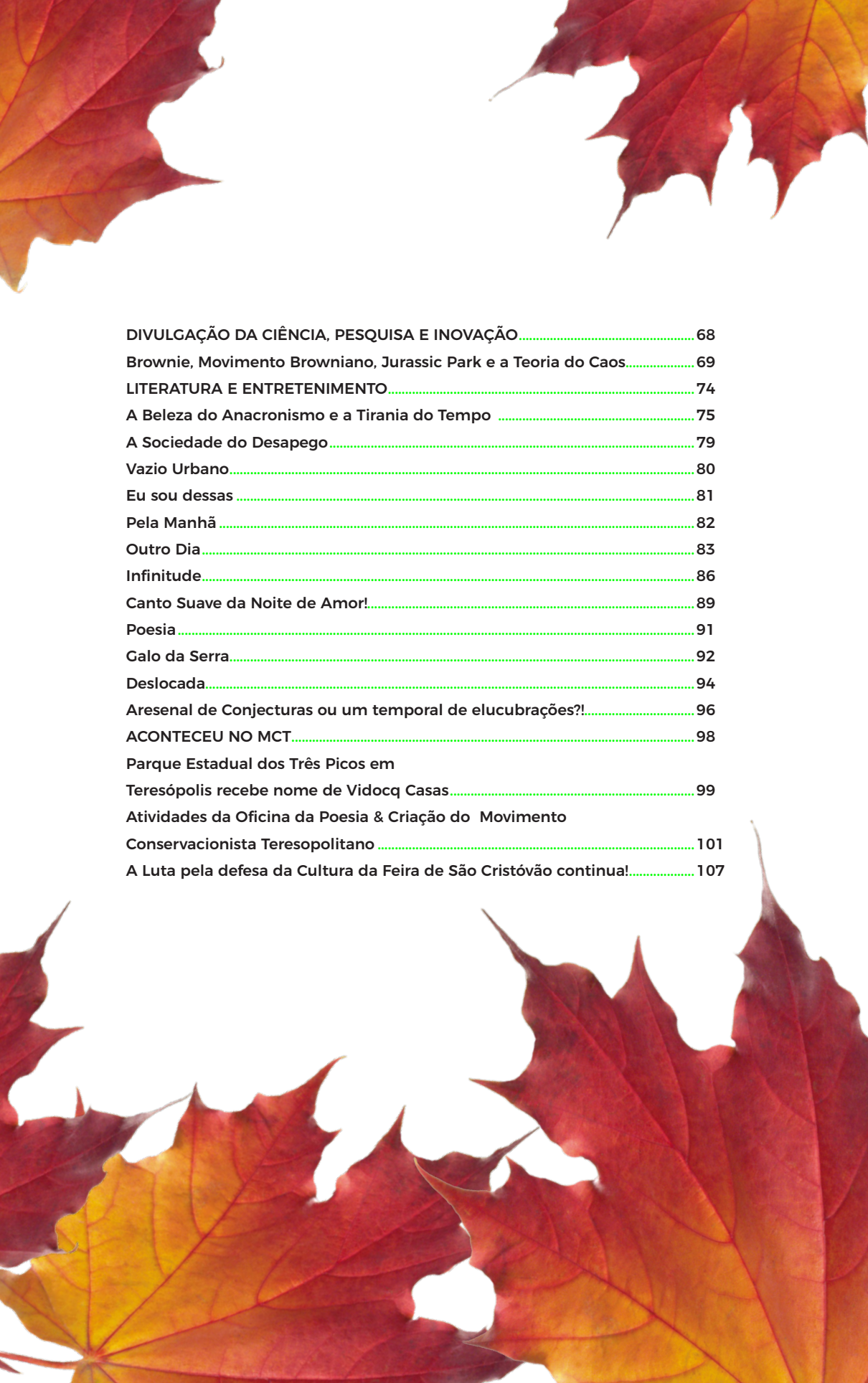


Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| MEIO AMBIENTE | 13 |
| A Política dos 3 R's da Sustentabilidade | 14 |
| DIREITOS HUMANOS, SOCIEDADE E DIVERSIDADE | 19 |
| Constrangimento e Emancipação na Modernidade..... | 20 |
| Foi por que deus quis? | 29 |
| Reflexões sobre o Racismo Estrutural | 34 |
| Raça, religião e Feminismo: Visões a partir de Frantz Fanon, Lélia Gonzales e Saba Mahmood | 47 |
| A Ilegalidade torna a violência contagiosa Um mundo sem direitos para todos (sem concessão) é viável? | 53 |
| Somos felizes? | 55 |
| Estatuto do Novo Homem Um homem contra as trevas..... | 59 |



| | |
|---|-----|
| DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, PESQUISA E INOVAÇÃO | 68 |
| Brownie, Movimento Browniano, Jurassic Park e a Teoria do Caos..... | 69 |
| LITERATURA E ENTRETENIMENTO | 74 |
| A Beleza do Anacronismo e a Tirania do Tempo | 75 |
| A Sociedade do Desapego..... | 79 |
| Vazio Urbano..... | 80 |
| Eu sou dessas | 81 |
| Pela Manhã | 82 |
| Outro Dia..... | 83 |
| Infinitude..... | 86 |
| Canto Suave da Noite de Amor!..... | 89 |
| Poesia | 91 |
| Galo da Serra..... | 92 |
| Deslocada..... | 94 |
| Aresenal de Conjecturas ou um temporal de elucubrações?!..... | 96 |
| ACONTECEU NO MCT | 98 |
| Parque Estadual dos Três Picos em Teresópolis recebe nome de Vidocq Casas..... | 99 |
| Atividades da Oficina da Poesia & Criação do Movimento Conservacionista Teresopolitano | 101 |
| A Luta pela defesa da Cultura da Feira de São Cristóvão continua!..... | 107 |

EDITORIAL

Thais Parméra
Cassia Cristina Cunha

Resiliência é o mote imperativo dos nossos tempos. Quando em 2018 vimos se concretizar a subida ao poder de um governo fascista e totalitário no país, gritamos coletivamente a plenos pulmões **“Ninguém solta a mão de ninguém”**.

Já havíamos passado pela obscenidade de um golpe institucional contra a nossa jovem Democracia em 2016 e olhávamos incrédulos com a perspectiva de dias terríveis e que precisávamos estar unidos para enfrentar as ameaças que viriam.

Mas ninguém iria imaginar que, além das contínuas ameaças totalitárias de várias esferas governamentais, iríamos encarar um fato globalizado e novo para a nossa geração: **Pandemia**

da Covid-19. Não havíamos lidado com nada parecido nos últimos cem anos e encaramos vários cenários de morte, medo, desespero que se somavam aos disparates genocidas do presidente e seus asseclas.

Convivemos com o ódio generalizado que favorecia o florescimento da neopolítica e do desmantelamento da estrutura do país em diversas áreas sobretudo na Educação, Ciência, Cultura, Arte e Meio Ambiente.

Chegamos a quase 700 mil mortes por Covid-19. Chegamos ao maior número de pessoas armadas que já tivemos em toda a nossa história. Vimos ativistas ambientais e de Direitos Humanos e jornalistas perseguidos e mortos como foi o caso do **indianista Bruno**

Araújo Pereira e o jornalista Dom Phillips que tiveram as suas vidas arrancadas injustamente por lutarem pacificamente pelo bem da humanidade e pela verdade.

Tivemos um período pré-eleitoral avesso e estranho a felicidade da Democracia e da festa da liberdade porque havia a ameaça real de uma perpetuação do poder do ódio nos lugares mais altos de decisão do país. E mesmo com as eleições justas e transparentes

ainda vemos levantes golpistas por todo o país se proliferarem.

E mesmo com isso tudo, não soltamos a mão de ninguém.

Teremos de permanecer vigilantes contra o fascismo que se entranha na nossa sociedade e temos de ser **resilientes e resistentes** com a responsabilidade de defendermos a liberdade e a verdade. É um compromisso da vida inteira, de gerações inteiras.



Seremos atalaias pela liberdade!

E de mãos dadas, exaltamos a natureza resiliente do bom combate, da paciência da renovação das forças da nossa luta. Assim como a abscisão dos outonos, gritamos a favor da queda de toda a forma de opressão, ódio, desamor e perseguição!

Nesse espírito de luta, essa edição do Jornal Resistência Verde S.O.S. Terra apresenta trabalhos que explanam um novo entender do mundo e das suas lutas.

Na seção “**Meio Ambiente**” tivemos apresentamos um artigo sobre a Política dos 3 R’s da Sustentabilidade onde podemos ver a importância de pensar globalmente e para além das gerações atuais.

Na seção “**Direitos Humanos, Sociedade e Diversidade**” apresentamos

sete artigos sobre os mais variados temas que abordam racismo estrutural, feminismo, religião e Direitos Humanos.

Também apresentamos o texto histórico “**Estatuto do Novo Homem**” de Vidocq Casas e que é um marco na trajetória do Movimento Conservacionista Teresopolitano na luta pelos Direitos Humanos.

A seção “**Divulgação da Ciência, Pesquisa e Inovação**” trouxe um texto bem-humorado que aborda a Teoria do Caos, Paleontologia e Microbiologia em um só texto.

A seção “**Literatura e Entretenimento**” apresenta doze trabalhos que incluem ensaios e poesias.

A seção de notícias “**Aconteceu no MCT**” apresenta três matérias sobre: as atividades desenvolvidas por projetos do MCT; a no-

tícia da nomeação de uma parte do Parque dos Três Picos que doravante recebe o nome do presidente fundador do MCT, Vidocq Casas; e a luta de Gilberto Teixeira, membro do MCT, pela proteção e incentivo da cultura da Feira de Tradições Nordestinas de São Cristóvão (Rio de Janeiro/RJ) junto ao poder público municipal.

As imagens usadas nessa edição são de domínio público e estão disponíveis em sites gratuitos a exemplo do Unsplash, Pexels, Pi-

xabau e PNGTree. Imagens de eventos foram fornecidas por membros do MCT.

Convidamos a você a resistir e a lutar contra todas as formas de opressão, ódio e desumanidade até que a nossa realidade se transmute para todos!

Se não resistirmos, morreremos!

Conselho Editorial

Jornal Resistência Verde
S.O.S. Terra





Sessão Temática I

MEIO AMBIENTE





A Política dos 3 R's da Sustentabilidade

Cassia Cristina Cunha^{1 2}

¹ Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente, Movimento Conservacionista Teresopolitano (GPMI/MCT)

² Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

Um dos grandes problemas ambientais na atualidade é o **lixo**. O **consumismo exagerado** aliado ao **desperdício** gera uma quantidade enorme de **resíduos**. O lixo causa muitos problemas podendo atingir o solo, o lençol freático, o ar, as águas superficiais entre outros elementos do meio ambiente.

Além disso, o lixo pode causar a proliferação de doenças como diarreia, amebíase, parasitose entre outras doenças.

Quando abordado o tema lixo, é de fundamental importância apresentar a **política dos 3R's**, que é composta pelos atos de **Reduzir**, **Reutilizar e Reciclar** o lixo.





Reduzir

Muitas vezes compramos muitas coisas que não precisamos ou usamos poucas vezes.

Assim, devemos comprar bens e serviços de acordo com nossas necessidades para evitar desperdícios. Nisso entra a ideia de **consumo consciente** que de uma só vez visa o equilíbrio das finanças domésticas da população comum e a preservação do meio ambiente pela diminuição de resíduos.

Reutilizar

Jogamos fora muitas coisas que ainda têm utilidade! E isso impacta no desperdício de energia usada

na fabricação, o combustível usado no transporte e a matéria prima empregada na fabricação dessas mercadorias.

Esses produtos/objetivos que são jogados fora precocemente, podem po-



luir ainda mais o meio ambiente.

A reutilização de produtos/objetos ao mesmo tempo que ajuda na economia doméstica também colabora para a sustentabilidade do planeta.

Reciclar

A reciclagem tem como objetivo **aliviar o meio ambiente de resíduos que podem levar muito tempo para serem decompostos** (da ordem de anos a centenas de séculos).



Uma das medidas mais simples é realizar a separação do lixo que pode ser reciclável (plástico, metais, vidro, papel) do lixo orgânico.

Esse processo é chamado de **coleta seletiva**.

Esse lixo reciclável pode ser encaminhado para empresas ou cooperativas de trabalhadores de reciclagem que transformam esses produtos em outros elementos úteis para a sociedade.





A coleta seletiva deve ser promovida tanto na escola como nas residências e prédios comerciais e pelo poder público para que toda a sociedade possa exercer medidas de proteção ao meio ambiente.

Outra forma de conscientizar as pessoas sobre o

problema do lixo e o descarte dos resíduos sólidos em geral é informar a elas sobre a tabela de decomposição das principais matérias dos objetos que são descartados. Assim é possível que as pessoas sejam esclarecidas sobre a durabilidade de cada material na natureza.



Uma das grandes práticas observadas atualmente no Brasil é a substituição de sacolas plásticas pelas sacolas retornáveis ou as de papel e a proibição do uso de canudos de plásticos em muitos estados do país.

Outras práticas sustentáveis

Uma das formas de auxiliar a regeneração da natureza diante das ações humanas e que pode ser associada a política dos 3 R's e o seu contexto do consumo consciente é o plantio de árvores nas atividades que são chamadas de **reflorestamento**.

As árvores são importantes uma vez que elas são responsáveis pela fixação do solo e assim evitam a erosão. Também favorecem a infiltração das águas de chuva para os aquíferos subterrâneos, reduzindo a probabilidade e a intensidade de enchentes. Quando estão em crescimento elas também absorvem mais dióxido de carbono (gás carbônico) da atmosfera do que elas emitem. Assim, elas atuam na redução dos gases responsáveis pelo aquecimento global.



Sessão Temática II

DIREITOS HUMANOS, SOCIEDADE E DIVERSIDADE



Constrangimento e Emancipação na Modernidade

Fernando Reis da Cunha¹

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

Questões relacionadas ao constrangimento das liberdades são cada vez mais noticiadas e percebidas na atualidade, seja nas redes sociais, seja nas situações cotidianas experienciadas pessoalmente, ou nos noticiários, como as que autorizam o uso de violência pelo Estado em nome da manutenção de uma ordem pública.

As interseccionalidades entre raça, gênero e classe trazem diferenciações no tratamento da justiça dependendo da inserção do indivíduo na sociedade (MONCAU, 2022). Algumas forças sociais nos impelem a agir de uma determinada maneira.

A **teoria Crítica** traz uma abordagem a esse respeito

Autor





ao levantar os temas do **esclarecimento** e de questões de **redistribuição e reconhecimento**.

Segundo Adorno e Horkheimer (1947, p. 6), **“o esclarecimento é totalitário”**.

Ao delinearem o tratamento dado à relação homem-natureza pela Filosofia, chegam à ideia de que o esclarecimento é resultado da necessidade do homem de controlar a natureza: **“O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para domi-**

nar completamente a ela e aos homens” (ADORNO E HORKHEIMER, 1947, p. 5).

Este conhecimento, segundo eles, é tratado na filosofia com um pensamento utilitarista e calculista. Neste sentido, contrapõem verdade e operação (*operation*), contrastando um puro prazer pelo conhecimento com a eficácia de utilização do esclarecimento para um fim conhecido, a técnica.

O esclarecimento desencanta o mundo, ilusionado pelos mitos feitos à imagem e semelhança do homem submetido à natureza.



Assim, **o esclarecimento reduz tudo a uma lei unitária**. A descrição desses eventos constitui, portanto, uma repetição dada por fórmulas, uma explicação com capacidade de predição. Esta mesma, entretanto, é a natureza do mito, então, ao cabo, o próprio esclarecimento se encerra em mito. **“O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo”** (ADORNO E HORKHEIMER, 1947, p. 9).

A dialética do esclarecimento está na destruição do esclarecimento pelo próprio esclarecimento, uma vez que se ele baseia em fatos, muitas vezes fabricados e ratificados por uma tradição

na ciência, na economia e na política. Esta acepção torna-se regra e dá origem a um pensamento prático, que impede a tendência de superação.

Tanto Horkheimer e Adorno (1947), quanto Benjamin (2020) concordam que **se deve resgatar as características espirituais, como esperança, confiança, coragem do passado, e não a conservação do passado**.

Conhecimento é poder, que, por sua vez, é gerado pela dominação da técnica e esta permite a subjugação do homem pelo próprio homem.

“O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condi-



ções para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo vê-se completamente anulado em face dos poderes econômicos.

Ao mesmo tempo, estes elevam o

poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado.

Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo vê-se, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele.

Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados” (ADORNO E HORKHEIMER, 1947, p. 3)

O esclarecimento, traduzido no domínio da técnica, serve aos interesses de dominação da burguesia, exigindo o constrangimento a um modelo definido pela necessidade que legitima a autoridade da razão.

Através do esclarecimento esperava-se a emancipação humana, porém essa era uma promessa extremamen-



te objetiva que teve como consequência a limitação da subjetividade.

O episódio de Ulisses e as sereias é tomado como exemplo da dialética do esclarecimento, no sentido de ilustrar o sobrepujamento de Ulisses, representando a burguesia moderna, sobre os marinheiros, a classe operária.

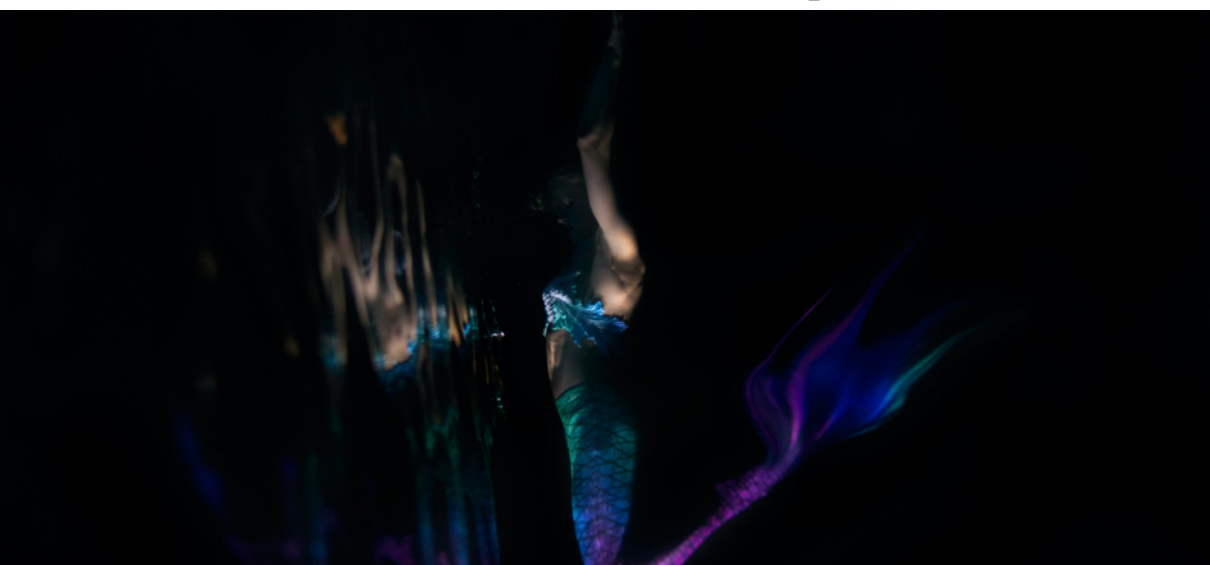
Enquanto esses tiveram o sentido da audição limitado, Ulisses, se manteve amarrado ao mastro, ouvindo as sereias, a voz da “**verdade**”.

Essa é uma analogia do pensamento controlado e racional da classe burguesa, enquanto a classe operária, se acredita livre, quando na

verdade, são impedidos de acesso ao esclarecimento, ou seja, há a “**mistificação das massas**”.

Habermas *apud* Nobre (2021) não vê no trabalho de Adorno e Horkheimer, particularmente na *Dialética do Esclarecimento* (1947), um delineamento das tendências de emancipação que são próprias do projeto da Teoria Crítica.

Neste sentido, a aporia de Adorno e Horkheimer colocaria “**em risco o próprio projeto crítico. Pois isso fragiliza tanto a possibilidade de um comportamento crítico relativamente ao conhecimento quanto a orientação para a emancipação**” (NOBRE, 2021, p. 12).



De forma a evitar essa aporia, Habermas propôs a revisão dos conceitos originais da Teoria Crítica. A partir daí, uma nova formulação de racionalidade permite a sua diferenciação em **racionalidade instrumental** e **racionalidade comunicativa**.

Enquanto a primeira possui características de manipulação e dominação, a outra, promove o entendimento.

A racionalidade instrumental favorece a reprodução material, representado pela dominação do **"sistema"**, e a comunicativa, a reprodução simbólica, associado ao **"mundo da vida"**.

Para Axel Honneth, essa abordagem deixa de considerar a influência do mundo da vida sobre o sistema através de sua transforma-

ção devido a permanentes conflitos sociais a partir de interrelações de forças políticas e sociais.

Ao considerar os conflitos como estruturantes da intersubjetividade, a luta por reconhecimento é o caminho para a emancipação.

A luta por reconhecimento para Honneth é baseada no pensamento de Hegel, em que **além da autopreservação, a busca por respeito e reconhecimento intersubjetivo constitui uma força moral.**



Os valores e princípios burgueses foram impostos institucionalmente (escolas, cultos religiosos, instituições políticas etc.), de forma a permitir o controle do grau de estima social, regulada pelo capitalismo industrial, que fornece as bases da valorização do desempenho social.



Esta dominação cria um sistema de **meritocracia** que permite e justifica as situações de desigualdade de distribuição dos recursos materiais.

Esta configuração constrange o acesso ao direito de expressão pública de identidade e se constitui em violência material, devido à manipulação ideológica que promove, resultan-

do em uma categorização do desempenho individual (VENTURA, 2011).

A capacidade de autorregulação individual e o potencial de desenvolvimento moral depende de três esferas de reconhecimento: **amor, direitos e solidariedade** (HONNETH, 2021).

Enquanto Nancy Fraser (2006) reconhece que as categorias '**redistribuição**' e '**reconhecimento**' são unidades independentes de justiça, para Honneth (2021), a segunda já abarca as questões da primeira. Desta forma, "**o reconhecimento torna-se a base de uma teoria da justiça na qual "a experiência de injustiça é sempre medida em termos de impedimento de algum reconhecimento considerado legítimo"**" (HONNETH, 2004, apud Silva, 2017, p. 8).



Nancy Fraser levanta as questões de identidade de grupo (nacionalidade, etnicidade, raça, gênero e sexualidade) superando as demandas de classe como o principal meio de mobilização política.

A autora põe em discussão a coexistência de lutas por reconhecimento e um **contexto de desigualdade material**.

Para isso, propõe os **remédios afirmativos** e os **remédios transformativos**, onde os primeiros se destinam à correção de in-

justiça cultural (simbólica), por exemplo as políticas de (re)valorização da cultura gay; enquanto os remédios transformativos pretendem desestruturar diferenças valorativas entre categorias relativas, como é o caso da política *queer* no combate à depreciação da homossexualidade em relação à heterossexualidade, promovendo a existência de um “campo sexual de diferenças múltiplas” (FRASER, 2006, p.237).



Tanto para Honneth, quanto para Fraser, no processo emancipatório há a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de diferenças que não produzam desigualdades.

Referências bibliográficas

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento - Fragmentos Filosóficos, 1947. Acessível em <<http://antivillabol.uol.com.br>>, acessado em 23/03/2022

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: ____ O anjo da História. BARRETO, J. (org. e trad.) 2ª ed. 4ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". SIMÕES, J. A. (trad.) Cadernos de Campo, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006

HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. REPA, L. S.; NASCIMENTO, R. (trad.). São Paulo: Martins Fontes (Coleção Tópicos), 2000

HONNETH, A. Luta por reconhecimento - A gramática moral

dos conflitos sociais. REPA, L. (trad.). 2ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2021

MONCAU, G. Nos 16 anos dos Crimes de Maio de 2006, mães denunciam Ministério Público. Portal Geledés. 14/05/2022. Acessível em <<https://www.geledes.org.br/nos-16-anos-dos-crimes-de-maio-de-2006-maes-denunciam-ministerio-publico/>>. Acessado em 14/05/2022

NOBRE, M. Apresentação. Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica. In: HONNETH, A. Luta por reconhecimento - A gramática moral dos conflitos sociais. REPA, L. (trad.). 2ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2021

SILVA, J.P. O que é crítico na Sociologia Crítica? RBS vol. 32, nº 93, fevereiro de 2017

VENTURA, T. Luta social por reconhecimento: dilemas e impasses na articulação pública do desrespeito. Ver. Sociol. Polít., Curitiba, v. 19., n. 40, p. 159-170, out 2011

Foi por que deus quis?

Vanessa Ozorio Torres¹

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

Os países conhecidos por subdesenvolvidos são explorados por outros países e isso é resultado da **exploração colonialista, imperialista e capitalista**.

O **racismo** associa o subdesenvolvimento à **vontade divina** e a África continua marcada pelo comércio de escravos. O africano tornou-se escravo quando esteve em contato com socieda-

de onde tinha que trabalhar como tal.

O **tráfico de escravos** refere-se aos carregamentos de prisioneiros da África para vários lugares do mundo como propriedade dos europeus.

Minimizar o número de africanos escravizados era uma tentativa de apagar a história.



A guerra era o principal meio de aquisição de prisioneiros.

Era época, também, em que a varíola matava muitas pessoas.

Regiões africanas que não foram afetadas por rotas do tráfico de escravos, foram afetadas pelo desequilíbrio do que poderia ter acontecido.

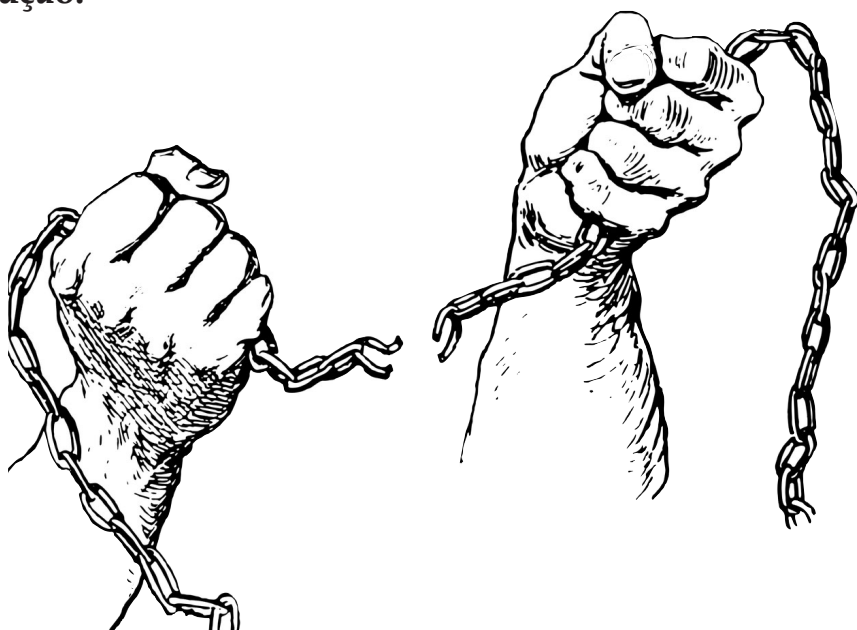
O que teria acontecido ao desenvolvimento inglês se milhões deles fossem obrigados a trabalhar como escravos fora de sua terra natal durante quatro séculos?

O povo africano sabia que a população era o mais importante dos fatores de produção.

A atividade econômica foi afetada direta e indiretamente por essa perda populacional.

No contexto africano, **os escravos eram mais importantes do que a exploração do ouro.**

Os europeus queriam que a África Ocidental e Central desempenhassem, em períodos diferentes, o papel de principal fornecedor de escravos da época. O rapto e atividades guerreiras afetou, principalmente, a atividade agrícola. A escravatura significou migração de trabalho válido numa forma cem vezes mais brutal e destruidora.





Houve momentos históricos em que grupos sociais cresceram e se fortaleceram raptando mulheres das tribos vizinhas, rebanhos e bens, que eram utilizados em benefício da própria comunidade.

A escravatura impedia que a população restante pudesse se dedicar à agricultura ou à indústria; utilização de caçadores profissionais de escravos e guerreiros mais para destruir do que para construir.

Apologistas da escravatura tentam argumentar que o tráfico e a exploração de africanos, apesar dos danos morais, foi economicamente benéfica para África, pois os chefes recebiam bens em troca de seus prisioneiros.

Sugeriu-se que certos reinos africanos se fortaleceram econômica e politicamente por causa do tráfico com europeus.

Outro péssimo argumento é que a exportação de escravos foi uma forma de evitar a fome na África.

Porém, com a escravatura, a África recebeu novas sementes alimentícias oriundas do continente americano que se tornaram alimento básico no século XIX. No entanto, o autor ressalta que o tráfico de escravos não era necessário para tal aquisição.

Sobre a distorção tecnológica na economia africana na época pré-colonial, a Europa saiu beneficiada tecnologicamente dos seus contatos comerciais e a África nada ganhou. Quando a



tecelagem europeia se tornou dominante no mercado africano, significou o afastamento de produtores africanos.

Um fato importante é que os chefes africanos desejaram a tecnologia europeia para o desenvolvimento interno, mas isso implicaria na substituição do tráfico de escravos.

A escravatura e o comércio marítimo tiveram efeito multiplicador sobre o desenvolvimento europeu no sentido positivo.

O comércio com a África ajudou a Europa a fortalecer os laços entre suas diferentes economias nacionais.

As relações entre a África e a Europa estavam, desde o princípio em direções opostas à da integração das economias locais. A superioridade marítima dos europeus foi o seu maior valor estratégico da sua maior capacidade organizacional.

O tráfico do ouro na África Ocidental não acabou, mas foi afastado das rotas do Norte através do Saara, tornando-se dependente dos comerciantes europeus. A escravatura, comércio do ouro e marfim tiveram papel transformador das forças externas.



Desenvolvimento significa capacidade para crescimento auto-suficiente, onde a economia pode registrar avanços que por seu lado promoverão o progresso futuro.

Nos primeiros anos de troca a África experimentou a perda de oportunidade de desenvolvimento. A única sociedade não europeia que adquiriu a tecnologia da Europa e se tornou capitalista, foi o Japão; que nunca foi colonizado nem escravizado.

O tráfico europeu de escravos foi um bloqueio direto pois removeu milhões de jovens e adultos que eram suas fontes de criatividade.

É aceitável que **a África foi colonizada por sua fraqueza militar e política e a sua capacidade econômica inadequada.** Esse nível inferior de consciência é em comparação com o resto do mundo. A resposta da hipótese é que isso traria dificuldade no comércio.

Referências:

RODNEY, W. Como a Europa subdesenvolveu a África. Ed. Nova Seara. Lisboa, Portugal. 1975.

Reflexões sobre o Racismo Estrutural

Cassia Cristina Cunha^{1 2}

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

² Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente (GPMI/MCT)

O significado do termo **raça** esteve sempre associado a ação de classificação dos seres vivos pelas ciências naturais. Mas, a **partir do século XVI**, surge com a modernidade a ideia de raça afim de **classificar as diferentes categorias de seres humanos**. Nesse sentido observa-se que este termo tem seu significado associado ao momento histórico em que é abordado. A construção política e econômica das sociedades contemporâneas produziu nesse bojo o contexto de uma **história das raças** (ALMEIDA, 2019).

O processo de expansão do capitalismo mercantilista e a descoberta de novos mercados consumidores com o novo mundo criaram a base para a cultura europeia tecer reflexões sobre

a **diversidade humana**. Algum tempo depois, a construção ideológica converteu o **europeu em um homem universal** transformando, através dos processos de comparação e classificação, os demais povos e sistemas culturais diferentes em **selvagens, primitivos ou menos evoluídos**.

A sociedade capitalista com seu modelo civilizatório fundado nos preceitos das Revoluções Inglesa, Americana e Francesa com os conceitos da universalização do homem, da liberdade, da igualdade, dos direitos universais, do Estado de direito e do livre mercado, levaram para outros continentes esses benefícios civilizatórios onde eles não existiam. Esse processo denominado **colonialismo**



O colonialismo criou a concepção de **raça como um artefato para escamotear a contradição inerente entre a ideia de razão, homem universal e a verdadeira destruição, o ciclo de morte e escravidão** ao mesmo tempo que operava esses fundamentos na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, **a classificação dos homens em diferentes raças foi a ferramenta utilizada para a dominação e destruição das populações da África, Ásia, Oceania e das Américas**. O colonialismo criou estereótipos desses povos e pre-

conceitos baseados em raças, etnias, culturas, tipos civilizatórios (termos como: bárbaros, selvagens, primitivos) entre tantos outros.

A partir dessa lógica colonial, os povos indígenas das Américas e muitos outros povos, foram designados como animais irracionais, supersticiosos, degenerados, demônios, bestas ferozes, sem história ou cultura, primitivos, selvagens, e muitas outras designações recorrentes do racismo e da desumanização, seguindo a



esse processo as práticas de segregação, violência, tortura, mutilação ou extermínio (ALMEIDA, 2019)

Com a chegada do **século XIX**, a ciência intensificou as investigações sobre as diferenças humanas no que concerne raças, culturas, civilizações, surgindo diversas teorias e modelos como resposta a essa diversidade.

Entre inúmeras especulações aptas a discernir as diferenças cognitivas, morais e psíquicas das raças, podemos citar o **determinismo biológico ou geográfico**. Assim, o clima tropical e a cor não branca da pele eram indicadores dessas diferen-

ças para justificar as discriminações como limitação intelectual, comportamentos agressivos, imorais e depravados. Um dos produtos dessa ideologia - **racismo científico** - era o entendimento de que **a mistura de raças produzia o mestiço que representava a degeneração máxima** (ALMEIDA, 2019)

Em **1873**, surge a primeira crise capitalista. A partir disso, as grandes nações impetraram a invasão e divisão territorial da África, decorrentes da Conferência de Berlim de 1884. Essa fase do **neocolonialismo** baseou-se na ideologia da **“inferioridade racial dos povos colonizados”**.



Eles eram caracterizados, como subdesenvolvidos e incapazes de terem uma organização política. Na modernidade o racismo se reveste de uma ideologia sistemática que busca **naturalizar uma inferioridade inerente** aos colonizados ou países periféricos, como **forma de opressão** que permaneceu mesmo depois do fim da escravidão (ALMEIDA,2019).

Ao longo da história, essa questão racial tem dois pontos fundamentais que se entrelaçam e se complementam e, assim, servem de ferramentas e operadores discriminatórios.

O primeiro são as **características advindas dos fenótipos que determinam a identidade racial**.

O segundo são os **caracteres étnico-cultural** que constituem a origem geográfica, a língua, a religião dentre outros costumes, denominado **racismo cultural** (ALMEIDA,2019).

No **século XX**, os estudos advindos da antropologia contribuíram para constatar a **inexistência de critérios culturais ou biológicos habilitados a hierarquizar a cultura, os costumes, a religião, a moral e os sistemas políticos das alte-**



ridades e autonomia inerentes de diferentes indivíduos, grupos ou civilizações. Isso demonstrou que o conceito de raça não tem justificativa ou procedência na realidade natural (ALMEIDA,2019).

Na Segunda Grande Guerra, a Alemanha nazista com sua ideologia de supremacia da raça aariana fomentou o holocausto de 6 milhões de judeus e ainda matou sistematicamente deficientes físicos, intelectuais, ciganos, opositores ao regime nazifascista, políticos, dentre outros grupos. Estes fatos comprovaram a natureza política da questão racial.

Na atualidade, o avanço da ciência em várias áreas do conhecimento já demonstrou que não há evidências biológicas ou cul-

turais para a prevalência de critérios discriminatórios entre indivíduos ou grupos humanos.

O racismo é um fator político que instrumentaliza a naturalização das desigualdades além de legitimar a discriminação, a violência e o extermínio de indivíduos ou grupos, na maioria das vezes minoritários (ALMEIDA, 2019).



Existem diferenças entre as categorias preconceito, discriminação e racismo

no que se refere a concepção de raça.

O racismo se configura como um tipo de discriminação sistemática que se fundamenta a partir da raça. Pode aparecer de forma inconsciente ou consciente podendo despontar de forma positiva ou negati-

va em relação aos indivíduos levando em consideração o grupo racial dos quais eles integram. Já o **preconceito racial utiliza estereótipos de um determinado grupo podendo ou não configurar em atitudes discriminatórias** (ALMEIDA,2019).

Por sua vez, a **discriminação racial** consiste na **forma diferenciada de tratamento a grupos raciais identificados**. Ela tem como premissa o poder, propiciando o uso da força afim de outorgar privilégios ou desvantagens relacionados a raça. Na discriminação direta há uma repulsa intencional e manifesta a sujeitos ou grupos, devido a questão racial

Já a discriminação indireta se processa em circunstâncias pontuais onde grupos minoritários são invisibilizados ou sofrem taxações de regras de neutralidade racial. Nesse caso, não são consideradas as relevantes diferenças sociais existentes ocorrendo discriminações pelo direito ou por impactos desfavoráveis. (ALMEIDA,2019)

Por outro lado, há a discriminação positiva ou políticas de ação afirmativa quando ocorre a intervenção na forma de tratar ou compensar as desigualdades impetradas contra grupos que são discriminados historicamente e, assim, proceder re-



parações causadas pela discriminação negativa.

O racismo enquanto discriminação racial é sistêmico sendo (re)produzido nas diferentes camadas, da sociedade, na esfera da política, da economia e na vida cotidiana. Ele se articula enquanto segregação racial nas segmentações espaciais de territórios formulando e representando especificidades de grupos raciais (ALMEIDA,2019).

Cabe ressaltar que há uma grande controvérsia no que se refere ao racismo e suas definições onde o termo acaba sendo utilizado de forma indistinta. Entretanto, **racismo institucional e estrutural** são eventos distintos e traduzem especificidades com consequências críticas e políticas relevantes. A visão individualista do racismo percebe sua manifestação

de forma ética ou psicológica podendo se apresentar de maneira individual, coletiva ou em grupos específicos, sendo muitas vezes confundido com o preconceito e, assim, deixa de levar em conta seu caráter político, devendo ser enfrentado por meio das regras jurídicas. É importante considerar que ainda que o racismo se apresente de forma indireta sua manifestação ocorre de maneira objetiva. É necessário criar consciência sobre o racismo e suas consequências proporcionando mudanças de comportamento e culturais através da educação (ALMEIDA,2019).

Segundo Almeida (2019), na dinâmica das sociedades há diferentes desigualdades e conflitos que são inerentes as relações sociais que integram as instituições.

O racismo institucional está no cerne da questão



do poder que se expressa pela predominância de determinados grupos raciais, que usam ferramentas institucionais a fim de prevalecer seus interesses socioeconômicos estabelecendo normas e modelos ideológicos naturalizando sua esfera de poder produzindo consensos na sociedade.

Dessa forma, analisa Almeida (2019), o racismo institucional se apresenta de diferentes formas conforme a ação ou omissão das instituições no uso de procedimentos discriminatórios ou na resignificação destes. Transformações institucionais podem ocorrer com o crescimento da representatividade de minorias e de ações políticas afirmati-

vas que modificam a lógica da discriminação das instituições.

Segundo Almeida (2019), o racismo procede da própria estrutura social assim como as demais relações sociopolíticas, jurídicas, econômicas e familiares. Assim, **o racismo é estrutural uma vez que é parte do processo social surgindo ao indivíduo como tradição. Ele também integra o processo histórico e político da sociedade.** Ainda que o racismo faça parte da estrutura social isso não isenta a responsabilidade dos sujeitos nas práticas e condutas racistas. Para que ocorra a transformação da sociedade é necessário medidas e ações antirracistas.



A escritora nigeriana Adichie, em seu livro **“O perigo de uma única história”** (2019), busca desconstruir a história e o discurso pautado na lógica da dominação advinda do projeto liberal de civilização, formulada pelo colonialismo acordado pelas grandes nações como relata Almeida (2019) e que culminou com a invasão e divisão do continente africano.

A **Nigéria** tem sua origem

na colonização do território realizada pela Inglaterra, por volta do final do século XIX e início do século XX. A Inglaterra uniu os seus Protetorados do Norte e do Sul, criando uma única colônia, em 1914, com a adesão de vários estados independentes. Nesse processo formulou uma administração legal ao mesmo tempo em que manteve as lideranças tradi-

cionais.

A conquista da **independência da Nigéria** ocorreu em **1960**. Por um grande período o país foi marcado por uma guerra civil. Assim, o país em sua história tem alternado com governos democráticos e ditaduras militares. Podemos perceber

o rastro e as marcas do colonialismo e suas consequências em todos os con-

tinentes e países ditos periféricos, subdesenvolvidos, em desenvolvimento, entre tantas outras alcunhas existentes.

Basta citar que o idioma oficial da Nigéria é o inglês. E que a nação tem mais de 500 grupos étnicos dos quais se destacam os haucás, os ibos e os iorubás. Outro fato importante

é que a Nigéria é dividida ao meio entre cristãos, cuja maioria se concentra no Sul e regiões centrais, e muçulmanos adensados potencialmente no Norte. Há uma população minoritária que pratica as religiões tradicionais e locais.

Adichie (2019), em sua produção literária retrata questões étnicas, de gênero e pertencimento. Em sua obra ela se conecta as origens do seu país, relatando experiências diversas e debatendo questões conceituais sobre sua nação.

Em seu discurso sobre seu percurso em se tornar uma escritora, desenvolve o relato de ter sido uma leitora muito nova, cuja referência central era a literatura estrangeira. Essa influência se reflete em seus escritos.

O período que passou estudando numa universidade americana contribuiu para a reflexão e constatação do quanto é perigoso em se

ter, uma única visão, o entendimento de apenas um lado da história.

Através de sua colega de quarto ouviu indagações sobre o fato dela falar bem o inglês, usar o fogão e não ouvir música tribal. Nessa única narrativa não havia espaço para os africanos terem o mesmo universo que ela. A ideia da África ser um local de fome, guerra e pobreza era refletida sobre ela.

Almeida (2019), também relata no texto como Adichie o problema do colonialismo em sua prática de racismo criar estereótipos negativos sobre o negro africano, índios e outros povos. A África e as Américas **não foram conquistadas ou descobertas – antes, foram invadidas e suas populações e culturas dizimadas em nome de um projeto de expansão capitalista.**

Adichie (2019), diz



que o contraste de mundos que ela conheceu no seu primeiro contato com os livros traziam cenários de homens, mulheres e crianças brancas, que comiam maçãs, brincavam na neve e tinham grandes preocupações com clima.

Essa não era a realidade que vivia na Nigéria onde não havia neve, se comia manga e nunca falavam sobre o tempo porque era algo desnecessário. Essa visão só foi transformada quando ela passou a ter contato com a literatura de autores africanos. Isso permitiu que ela ampliasse sua perspectiva. Ela passou a perceber que existem outras narrativas e,

ainda, como somos vulneráveis diante de uma única história. Assim, compreendeu que pessoas como ela de cabelo crespo e pele chocolate podem ter existência na literatura.

Adichie (2019), explica que essa narrativa única também trouxe críticas sobre seus livros porque seus personagens não passavam fome, tinham carros e uma vida comum como os americanos e, assim, não traziam a autenticidade africana. Esse discurso de um racismo estrutural que Almeida (2019) tanto enfatiza traz o cerne da questão da diferenciação entre o eu e o outro, desapropria identidades,



RACISM IS A
PANDEMIC



desumaniza, cria distâncias nas diferenças e não tem espaço para o compartilhamento da semelhança e nem do pertencimento da mesma humanidade.

Os autores em questão também ressaltam a a ideia de **como uma narrativa repetida sistematicamente pode transformar um povo numa coisa, o que reflete o problema do poder por detrás da narrativa única, que é capaz de contar uma história sobre alguém e transformá-la numa história definitiva.**

Assim, ao mesmo tempo que **histórias podem expropriar a dignidade de um povo também podem repará-las.** É necessário ter a capacidade de olhar o outro para além de concepções

pré-concebidas e até muitas vezes ideologicamente fabricadas dentro de uma lógica racista. É importante romper com a lógica do poder das elites dominantes e perceber os mecanismos intrínsecos nas narrativas que são contadas.

Referências

- ALMEIDA, L. S. Racismo Estrutural. São Paulo, Editora Jandaíra, 2019.
- ADICHIE, C. N. O Perigo de uma História Única. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2019.
- GRADA, K. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.
- GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

Raça, religião e Feminismo:

Visões a partir de Frantz Fanon, Lélia Gonzales e Saba Mahmood

Larah Vasconcelos¹

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

O processo de colonização e exploração europeu, frente a diversos países gerou feridas de difícil cicatrização, heranças que perpetuam na sociedade pós-colonial e classificações que estruturaram a formação social de regiões colonizadas. Dessa maneira é possível realizar uma análise sobre os efeitos da colonização na representação de homens e mulheres negras e tecer uma relação com a história do processo exploratório branco que foi marcado pelo **apagamento cultural, extermínio indígena e inferiorização da pessoa negra**, assim como sua **subalternização**.

A partir da análise do cientista social **Frantz Fanon** sobre as relações entre o homem negro e o branco e as classificações sociais do primeiro, será possível realizar conexões nesse cenário. Em seu livro **“Pele Negra, Máscaras Brancas”**, Fanon elucida sobre a perpetuação do julgamento de não civilização herdado por pessoas negras. Alega que **diante de uma sociedade colonizada homens negros permaneceram sendo considerados selvagens, hiperssexualizados e desprovidos de capacidade intelectual que agregasse valor ao meio social**. Essas classificações geraram uma relação paradoxal entre



o homem negro e o homem branco, cujo primeiro, buscava aproximar-se do “modelo ideal” de ser civilizado, a partir do comportamento.

O autor, ainda, mostra como exemplo que a **língua é um dos fatores cujo grupo busca tal aproximação**, ao exemplificá-la na relação do homem negro antilhano ao comunicar-se com o homem branco a partir da adoção da língua francesa. **Poisa língua, é detentora de significados culturais.**

Além disso, no processo de subalternização da pessoa negra, tanto homens quanto mulheres sofrem com a classificação hiperssexualizada de seus corpos,

gerada por uma perspectiva colonial branca, que busca inviabilizar a representação de pessoas negras em processos de cunho intelectual, por exemplo.

A s - sim, impondo a pessoa negra a assumir uma posição passiva perante a sociedade, descredibilizando-a.

Acrescido a este processo, observa-se, de acordo com Frantz Fanon, como o tratamento do homem branco ao negro ressalta a ideia da supremacia branca, ao referir-se com diminutivos à pessoa negra, como “negrinho/a”, reafirmando sua maturidade e superioridade diante de um sujeito retratado como incapaz, inferior

e imaturo, que precisa dos olhares de expiação e responsabilidade do branco.

Ou seja, **essas representações em sociedades colonizadas são fruto de uma ideologia colonial criada e sustentada pelos próprios colonizadores, a fim de que o sujeito negro se sinta não pertencente ao seu próprio corpo e busque, cada vez mais, embranquecer-se, seja pelo comportamento, pela adoção cultural ou pelo tom de sua pele. A fim de formar sujeitos passivos e subordi-**

nados, que não confiam em suas habilidades e se sujeitam a uma posição de objeto e não sujeito.

Sob essa perspectiva, **Lélia Gonzalez** irá complementar o conceito de **ideologia colonial**, ao retratar sobre a constituição do racismo em meados do século XIX, considerado como uma “ciência” da superioridade euro cristã, que considerava as manifestações culturais indígenas como absurdas e “selvagens”. (GONZALEZ, Lélia. Pág 79).





Dessa maneira, **intituiu-se o pensamento de que toda e qualquer prática que não fosse cristã e pau-tada na sociedade europeia era considerada selvagem e, por isso, precisava passar por um processo de racionalização.**

Ideal que permeia sociedades colonizadas ao re-tratar, nos dias atuais, que tradições e práticas religiosas de matriz africana, por exemplo, são estranhas e passíveis de demonização, além de alimentar a ideia colonial de comportamento “selvagem”, por ser não cristão.

Além disso, Gonzá-
lez irá expor **a participação do racismo para compor o projeto de colonização eu-**

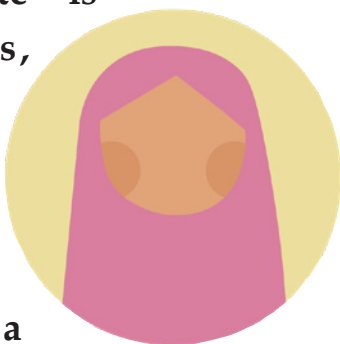
ropeu, a fim de afirmar sem que houvesse dúvidas a su-perioridade do colonizador branco. Assim, explica os conceitos de **racismo aberto e racismo disfarçado**, cujo primeiro estabelece que ne-gra é a pessoa que possui an-tepassados negros enquanto o segundo é caracterizado a partir de teorias da miscige-nação. A autora também irá relatar que o **racismo por de-negação**, que é equivalente ao disfarçado, irá contribuir no processo de alienação do sujeito negro (GONZALEZ, Lélia. Pág 79). Dessa mane-ira, assim como Fanon, Gon-zález expõe como o projeto de dominação europeia re-sulta na inferiorização, alie-nação e marginalização da população negra.

Patriarcado, opressão e religião.

É com base nessas citações que será feita a correlação do colonialismo com a representação das mulheres árabes, a partir da perspectiva da antropóloga americana, **Saba Mahmood**.

A autora realiza uma análise sobre a relação das mulheres orientais, especificamente is-

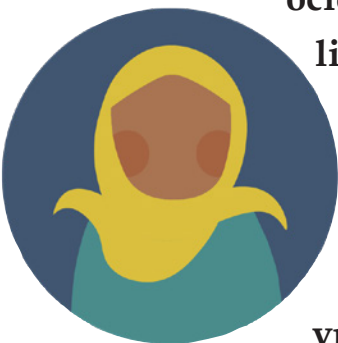
lâmicas, com a teoria feminista libertária ocidental ao expor as diferenças culturais que são atravessadas pelo feminismo que convergem com as tradições e a fé islâmica.



Enquanto no Ocidente, as religiões e suas tradições são consideradas, num todo opressivas, para as mulheres islâmicas, as diretrizes de sua fé são fundamentais para a constituição, inclusive, do ideal de liberdade e honra da mulher.

A ideia de liberdade, por exemplo, é entendida de maneira distinta na sociedade Ocidental e Oriental.

No que tange às mulheres feministas do ocidente, a liberdade é, entre outras coisas, estar livre das amarras da dominação masculina, ter autonomia e independência. Todavia, no texto,



Mahmood apresenta a perspectiva dessas mulheres árabes e muçulmanas diante de tais temas e afirma a relação paradoxal com o feminismo liberal (MAHMOOD, pág 31).

Ade mais, ainda nas questões culturais, Mahmood explica sobre valores importantes para a religião muçulmana, dentre eles está a modéstia/timidez que é discutida por essas mulheres a fim de debater a questão de gênero e a diferenciação entre esses conceitos e a escrita sagrada do Alcorão (MAHMOOD, Pág 36).

Por fim, a autora propõe o debate sobre a teoria feminista ocidental em contraponto com a totalidade cultural que rege os países, ao proporcionar a apresen-



tação de uma teoria feminista sob a ótica de mulheres que defendem atributos de sua tradição e religião que são opostos a causas latentes no feminismo Ocidental, como a ideia de submissão e prevalência masculina.

Bibliografia:

FANON, F. A experiência vivida do negro. In: *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952]. pp. 103-126.

GONZÁLES, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82 .

MAHMOOD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v. 23, n. 1, pp. 135-175, 2019.

A ilegalidade torna a violência contagiosa

Um mundo sem direitos para todos (sem concessão) é viável?

Julio Cesar Gonçalves dos Santos¹

¹ Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro - FAETERJ

Do oitavo ao décimo primeiro artigo, a **Declaração Universal dos Direitos Humanos** alerta sobre a necessidade da justiça imparcial, do direito de defesa, da inocência presumida e da dosimetria penal como forma de impedir a “**justiça despótica**”.

Ignorar as garantias fundamentais de qualquer pessoa é uma forma de violência que os próprios entusiastas da Lei de Talião podem vir a sofrer.

O *modus operandi* que ignora direitos fundamentais substitui a racional necessidade de justiça pelo





primitivo desejo por vingança. A injustiça impera nesse contexto, o hipotético réu torna-se uma confirmada vítima.

Procedimentos guiados por **regras legais garantem a preservação da dignidade humana**. Durante as averiguações, o considerado suspeito tem direito ao contraditório e está protegido contra a tortura.

Aquele injustamente acusado de delito fica livre da condenação arbitrária e até mesmo irreversível. Sendo a culpa comprovada

e a condenação definida, a pena nunca ultrapassará os limites definidos por lei.

Proceder irrefletidamente, precipitadamente e fora das regras diante de uma hipotética ilicitude é, ao mesmo tempo, violar os direitos de outrem e renegar os próprios – uma ode à barbárie.

Somos felizes?

Larah Vasconcelos¹

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ)

Platão defendia que a felicidade era movida pelo desejo e que o Ser só poderia desejar aquilo que lhe faltava, portanto ao suprir seu desejo, o Homem encontrava a felicidade.

Todavia, há um ciclo repetitivo e muitas vezes despercebido nesta relação: o filósofo **André Comte-S-**

ponville, expõe que no momento em que alcançamos o que desejamos já não somos mais felizes, pois aquilo que nos faltava e era objeto de nosso desejo, já não falta mais. Revivemos, então, a infelicidade humana e retornamos para outro ponto focal faltoso (SPONVILLE-COMTE, 2005).





Se Platão estivesse certo e, em todo o tempo, o ser humano sempre buscasse o que lhe faltasse, então nunca seria feliz? Viveria este Ser, então, em eterno ciclo de infelicidade? E o que seria ser feliz? **A felicidade está diretamente ligada com o conceito de contentamento.**

É como afirma **Cortella**: sustentar este estado mesmo diante dos contratempos da vida é permanecer cultivando, regando e alimentando seu estado interior de satisfação, através de suas relações com o outro, com o espiritual e consigo mesmo.

Santo Agostinho encontrava seu estado ideal de contentamento e felicidade plena em Deus.

Seu infinito espiritual de relação chegou à conclusão que **ao conhecer a Deus e invoca-lo, também voltava para si, pois Deus, contido nele estava** (AGOSTINHO, 2019). Numa análise particular, a busca por esse infinito gera completude e nos possibilita sustentar o estágio de permanente alegria.

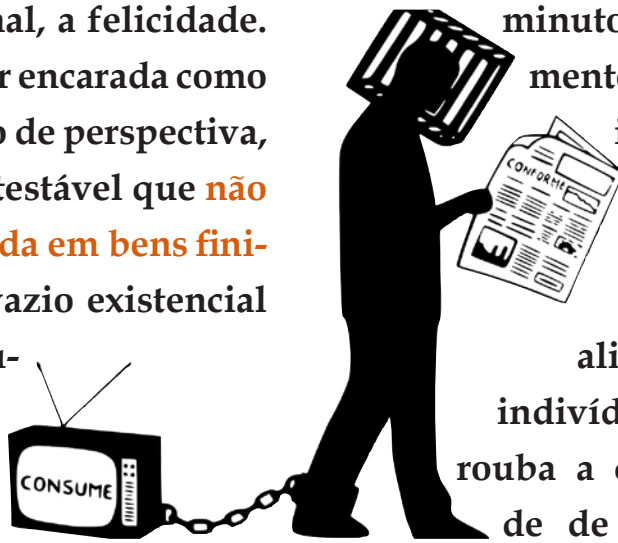
Todavia, **a complexidade de formação e ambiguidade do Homem, impossibilita uma resposta exata ou considerada assertiva.**

Nem mesmo os gregos conseguiram responder o que era, afinal, a felicidade. Esta pode ser encarada como uma questão de perspectiva, mas é incontestável que **não está localizada em bens finitos**, pois o vazio existencial do ser humano, que impede seu estado de plena felicidade, não pode ser encontrado em matéria finita.

A sociedade contemporânea, talvez, seja a mais empobrecida da capacidade de responder o que é ser feliz ou se são felizes.

A quantidade exacerbada de informação por minuto, juntamente com a intensa produtividade, alienam os indivíduos e os rouba a capacidade de elaborar sobre quem são, quais são suas questões, qual seu papel no mundo e de se perguntarem se realmente encontra-se em um estado de contentamento.

Ouso dizer que provavelmente não voltarão a



ser felizes. O capitalismo agressivo e o alto consumo, assim como a criação de necessidades inexistentes, iludem o cérebro humano a acreditar e pautar sua felicidade em bens materiais. Os bens inalienáveis, citados por Marx, que são comercializados e banalizados, estes sim, possuem a essência do que constitui a felicidade.

O mar social contemporâneo está agitado. Grande parte da sociedade está na superfície sendo agressivamente levada e arremes-

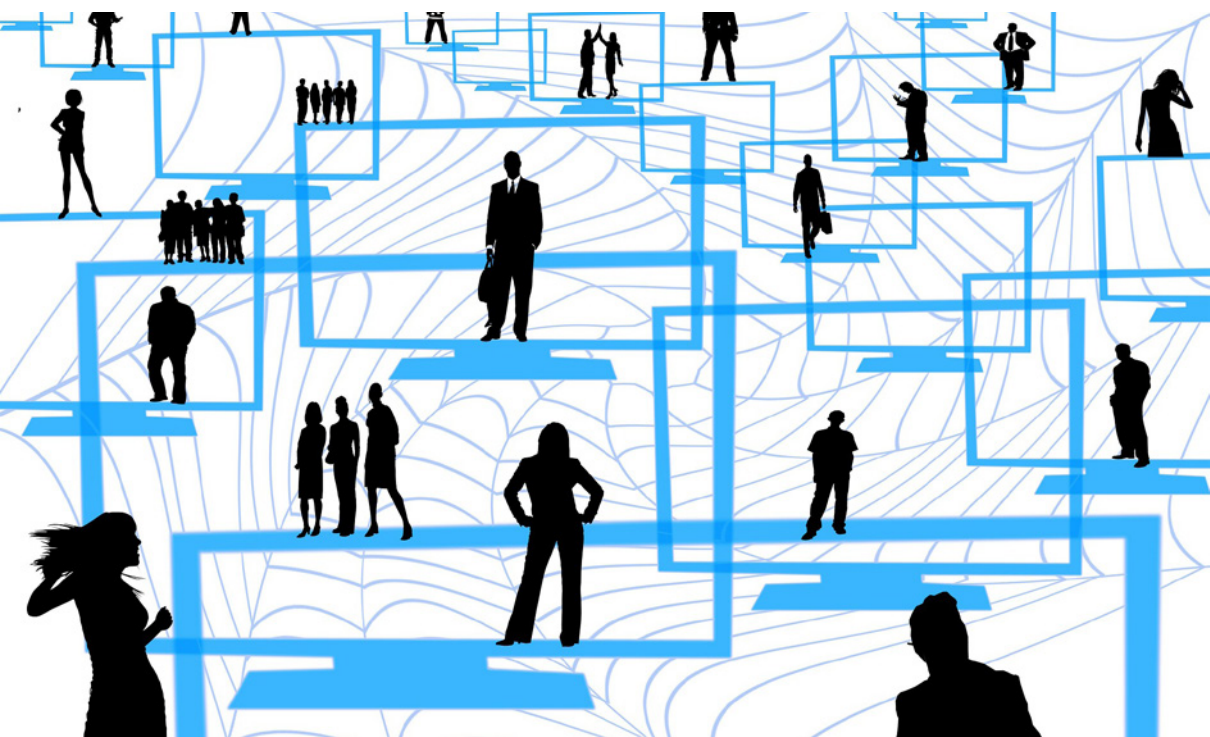
sada por todos os lados pelas ondas da ansiedade, da depressão, da produtividade e do agudo consumo.

Poucos são aqueles que nadam até a calmaria do fundo do oceano e encontram ali a plenitude em contentar-se com o balé das experiências da vida.

Bibliografia

AGOSTINHO. "Confissões" , São Paulo, 2019.

COMTE-SPONVILLE, André. "A Felicidade, desesperadamente" , São Paulo, 2005.



Estatuto do Novo Homem

Um homem contra as trevas

Vidocq Casas¹

Thaís de Castro Cunha Parméra¹

¹ Movimento Conservacionista Teresopolitano (MCT)

Nota do editor

O Estatuto do Novo Homem é um dos documentos mais tradicionais da história do Movimento Conservacionista Teresopolitano. Ele foi escrito em 1966 em plena ditadura militar por um jovem de 34 anos chamado Vidocq Casas que, aproximadamente uma década depois, fundou junto com Cassia Cristina Cunha o Movimento Conservacionista Teresopolitano.

É necessário notar que em meados da década de 60 os debates sobre Meio Ambiente estavam ainda bem incipientes e o assunto não era discutido nas esferas sociais dos indivíduos comuns e nem nacionalmente. O contexto político internacional se voltava para a terrível Guerra do Vietnã, a subida de vários contextos autoritários na América Latina e a Guerra Fria se desenrolava a pleno vapor diante de uma “iminente guerra nuclear” capaz de dizimar toda a civilização humana.

O Brasil havia acabado de sofrer um golpe militar e iria permanecer nas garras da opressão e da violência por 30 anos. O cenário para um jovem intelectual no auge dos seus 34 anos parecia realmente desolador.

Mas ao invés de desistir e permanecer passivo diante



dos horrores que observava, Vidocq Casas se armou com as Palavras e com o ideal de uma esperança resoluta da luta por um futuro melhor que considerasse a Humanidade e o Meio Ambiente como um todo que deveria ser livre e preservado para gerações futuras.

Mesmo diante das ameaças e represárias de uma ditadora, esse documento foi lido, publicado, recitado em vários locais, protestos e eventos internacionais como forma de resistência pacífica com a finalidade de transformar as pessoas e construir uma novo tempo e uma nova humanidade.

Publicamos esse Estatuto do Novo Homem com um preâmbulo escrito pelo próprio Vidocq Casas em 2015. O autor estava fazendo uma retrospectiva sobre o contexto em que ele viveu em 1966 e o que ele estava vivendo 49 anos depois.

Infelizmente ele via a derrocada do contexto político brasileiro e a ascensão da extrema direita e do fascismo no mundo. Mas mesmonessa repetição de cenários atrozes que culminou com o golpe de 2016, ele ainda mateve viva a chama pela luta pela liberdade.

É nesse condão de esperança que as vias de um novo processo democrático, republicamos o Estatuto do Novo Homem como um símbolo de luta pelas liberdades e em defesa da natureza e da Humanidade.

Que as palavras do grande Poeta Vidocq Casas possam inspirar a todos a construir um mundo melhor.

Quando olho as estrelas e viajo os meus sonhos pelas galáxias, vivo a Terra como a mãe da Vida e não sinto o mundo dividido em nações e raças.

Este desafio é a minha Utopia de esperança, solidariedade e amor para o mundo e o futuro serem mais humanos, para a humanidade viver mais feliz e livre!

Vidocq Casas

Poesia, a Arte de Resistir

Escrevi o **Estatuto do Novo Homem** em 1966, como um **Projeto Esperança da minha Utopia**, indispensável para o homem viver com dignidade, liberdade e mais humanidade.

Passaram-se 49 anos.

Na época, o nosso Brasil estava sob o tacão da bota opressora da **ditadura militar**, infelizmente. Era um tempo de sombras, gritos de tortura, opressão e morte, mas também, de resistência e sobrevivência, para vencermos o terror da falta de Liberdade. Publiquei-o, várias vezes, em jornais e

impressos, e foi traduzido para o inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e esperanto, como **um grito de alerta e rebelião, contra as trevas do individualismo, desamor e do materialismo.**

Males, que ainda, continuam sufocando a liberdade e os direitos humanos fundamentais.

É preciso deixar, bem claro, que consideremos a manifestação criadora, neste mundo globalizado do século XXI, como o grito humano mais revolucionário, para a defesa da liberdade, justiça e igualdade.

Como poeta e ativista social e ecologista, há 60 anos, em lutas permanentes, repito que **a poesia precisa ser vista, sentida e vivida, como um canal de lutas e ações, contra tudo que possa afetar ou tolher o ser humano, no seu direito inalienável de ser, sonhar e viver.**

A poesia representa a força da consciência iluminada do anti-poder, contra as garras ditatoriais do Estado, este monstruoso Leviatã que é o Estado-Mercado atual. Ele vampiriza e sufoca o homem, com o garrote implacável dos impostos

absurdos, o abandono social e cultural, num massacre de volatizar a cidadania pelos temporais de exclusões que, dia a dia, diluem os direitos do cidadão.

Os banqueiros insensíveis ligados a políticos corruptos e ideológicos são os mercadores corsários do saque continental, através da especulação vampiresca das Bolsas de Valores, que são cassinos da jogatina, da agiotagem, da globalização da economia, que só produzem a falência das instituições e exaure o bolso do povo.





Sem amor, o homem é uma fera insaciável, na jaula desta sociedade doente de falta de fraternidade. Só consciente de nosso papel de guardião dos valores que contam, venceremos a camisa-de-força deste sistema cruel, comandado por políticos inescrupulosos, subordinados aos banqueiros da globalização da economia, que continuam tentando escravizar e submeter a humanidade.

Esta maligna opressão é genocida e programada, contra as minorias sociais, que são a maioria oprimida, mais de 65% da população da Terra, que sofre da desgraça da pobreza criada pelo draculismo dos “pode-

rosos”, os ricos países do 1º mundo.

Não podemos aceitar passivamente um mundo que continua gastando US\$ 600 bilhões e colocou, no orçamento US\$ 3 trilhões para a guerra, como continua fazendo o Governo dos EUA. Este crime absurdo só sacrifica o povo americano, e degrina a América. Esta monstruosidade de dinheiro, empregado para o mal e a morte, poderia ajudar a acabar com a fome e a pobreza do Planeta.

A Guerra sempre será uma ferida sangrando, onde todos perdem, e só a morte e a destruição imperam em detrimento da vida.



Preâmbulo original de 1966

A responsabilidade social tem de ser um compromisso universal e individual do cidadão pelo bem estar de todos. O futuro das gerações presentes e emergentes dependem de nós, **não há outra alternativa.**

Espero, com este **Estatuto do Novo Homem**, acordar otimismo e esperança, num futuro mais promissor para todos. Como poeta, reafirmo que, todo dia, precisamos abandonar o passado, sair da estagnação do comodismo, apagar todos os fantasmas dos medos e acender a alma, na fogueira do sonho, vivendo com esperança a vida.

A todos os homens que acreditarem no ressurgimento de um mundo novo, onde o homem poderá falar sem medo, sorrir, ser feliz, e por mais impossível que pareça: ser livre como sua imaginação, sonhos e a luz imperecível de sua alma!

Considerando que a Vida deve ser respeitada, e que todo Homem tem direito a sua Liberdade, sem distinção de raça, credo, sexo, idade ou opinião política, e que, sem essas condições, a espécie humana, desprovida de sua dignidade inerente, não poderia atingir o verdadeiro progresso social, fica instituído **AD INFINITUM**:

ESTATUTO DO NOVO HOMEM

Art. 1. Toda vida será respeitada, conservada e glorificada.

Art. 2. Não haverá desigualdades, não podendo os homens serem alvo de preconceitos, e as palavras “rico” e “pobre” serão apenas tristes lembranças de um dia cinzento.

Art. 3. A palavra “opressão” não constará dos dicionários.

Art. 4. No lugar das prisões, construir-se-ão Parques de Lazer, cercados de jardins, onde o canto dos pássaros será a música perene da alegria pela vida inteira.

Art. 5. Fica proibido “proibir”, excetuados os casos previstos nestes Estatutos.

Art. 6. Todas as armas serão convertidas em brinquedos e em objetos que possam ajudar a construção de moradias ou a feitura de bens comuns, ficando, assim, banida a violência, para sempre, do coração do homem.

Art. 7. Ninguém poderá derrubar árvores ou provocar a poluição da Natureza, devendo cada homem constituir-se num vigilante perpétuo dos sistemas ecológicos, em defesa da Biosfera e da qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

Art. 8. A Justiça será substituída pela **BONDADE**, deixando de existir, portanto, julgamentos, maldade, perseguições, castigos, torturas e crimes, mas surgindo a **AURORA RADIANTE DA FRATERNIDADE**.

Art. 9. A verdade será um caminho aberto, transparente, onde todos os homens transitarão como **IRMÃOS**.

Art. 10. O **AMOR** deixará de ser impossível, para ser a Hora Eterna de cada homem, e ninguém amará sem ternura, ou será violentado em sua vontade ou aviltado, pois a Esperança representará mais do que um direito permanente: será como o céu sobre nossas cabeças.

Art. 11. A Força do Coração será a ordem geral, podendo, assim, fazer o homem, da Luz de sua Alma, o **ESCUDO DE ESPERANÇA** do Futuro.

Art. 12. Nenhum homem deverá julgar-se apenas Mestre ou somente Aluno, pois cada um tem quase nada que ensinar e quase tudo que aprender.

Art. 13. Ter-se-á o direito de falar, escrever ou gritar a verdade.

Art. 14. Todas as semanas (aos sábados), comemorar-se-á, festivamente, o **FIM DO MEDO**.

Art. 15. O Dia do Trabalho será substituído pelo Dia da Alegria.

Art. 16. O Esperanto será a língua oficial para o Diálogo Universal.

Art. 17. A **PAZ** deixará de ser simples Utopia, dentro do coração do homem, para ser o permanente estado de vigília de sua Alma.

Art. 18. A Soberania será prerrogativa exclusiva de cada nação, tomada com um todo, e não de grupos ou de um tirano.

Art. 19. Fica decretado, em caráter irrevogável, que a Ciência e a Tecnologia somente poderão servir ao Bem Comum.

Art. 20. A Bandeira de cor branca passará a ser o Estandarte **ARCO-ÍRIS** de todos os homens.

Art. 21. As Crianças terão o direito de brincar, quando quiserem, além de se lhes dar efetiva proteção, devendo as Escolas ensinar o **AMOR UNIVERSAL**.

Art. 22. A Compreensão será a condição essencial para o homem ser chamado **HOMEM**.

Art. 23. Jamais se admitirá a violação de qualquer dos chamados **DIREITOS NATURAIS DO HOMEM**, limitáveis apenas, pelos mesmos direitos de seus semelhantes.

Art. 24. O símbolo da Justiça será substituído pelo da Fraternidade (**DOIS HOMENS SE ABRAÇANDO**), a ser colocado no centro de cada praça em todos os pontos do Mundo.

Art. 25. Criar-se-á a **FESTA DA VIDA E DO AMOR UNIVERSAL**.

SE NÃO RESISITIRMOS, MORREREMOS!

PAZ E AMOR!



Sessão Temática III

DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, PESQUISA E INOVAÇÃO



Brownie, Movimento Browniano, Jurassic Park e a Teoria do Caos

Thaís de Castro Cunha Parméra¹

¹ Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Independente (GPMI/UERJ)

Vocês já ouviram falar no **Movimento Browniano?**

Ao contrário do que o nome pode levar a indicar, ele não está relaciona-

do ao um **“Movimento de Apaixonados por Brownies”**. Seria uma ótima ideia e eu seria uma signatária instantânea de tal coletivo.

Principalmente se eles tivessem caldinha de chocolate e viessem acompanhados de uma boa e quente xícara de chá.

Na verdade, o Movimento Browniano com-

preende o **movimento randoômico de partículas em fluidos resultante de choques de suas moléculas/átomos.**



Esse movimento é estudado pela famosa **“Física de Partículas”**.

Um exemplo prático e cotidiano do Movimento

Browniano nos nossos dias:

Já viram a luz incidindo sobre partículas suspensas no ar que todo mundo chama de poeira?

Dá até um efeito bonito como se o pó dourado de uma fada tivesse pairando suspenso no ar. Esse “pó” se movendo aleatoriamente é consequência do Movimento Browniano do ar (fluido gasoso).

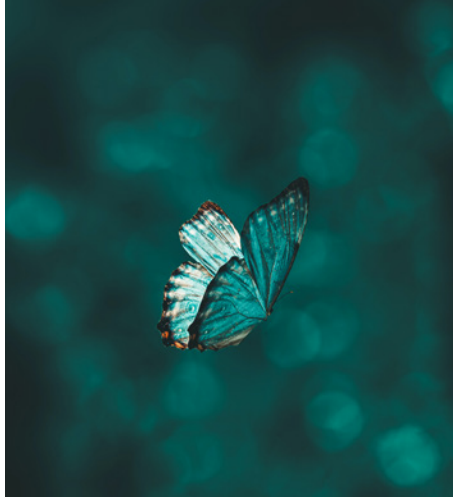
Atualmente o

Movimento Browniano é estudado pela **Teoria do Caos** que está altamente relacionada ao famoso **“Efeito Borboleta”**.

Basicamente essa Teoria nos mostra que **pequenas alterações em uma situação podem gerar efeitos incalculáveis** (e potencialmente vezes catastróficos dependendo da perspectiva de análise que queremos estudar).

Como se o bater das asas de uma borboleta pudesse alterar o nosso mundo e a estabilidade do universo.

Essa **imprevisibilidade** da Teoria do Caos não é algo com valor bom ou ruim.





Na verdade, os cientistas da década de 60 e 70 viram que o caos está presente em tudo e molda o Universo. E isso vale para tudo mesmo!

De certa forma, o caos e sua imprevisibilidade ordenam o universo de uma for-



ma que talvez nós humanos ainda não conseguimos compreender.

E isso nos leva a uma referência clássica do personagem Ian Malcon do

Jurassic Park original. Ele era um matemático que estudava a Teoria do Caos. Ele e a Paleontóloga Ellie Satter, encabeçam o diálogo

mais sensacional do filme. Eis a cena: Ian: Deus cria os dinossauros, Deus destrói os dinossauros, Deus cria o homem,

o homem destrói Deus, o homem cria os dinossauros."

Ellie: : Os dinossauros comem o homem, e a mulher herda a Terra .

O que eu mais gosto da Física é que ela consegue explicar esses fenômenos práticos cotidianos! Mesmo que a Física Quântica é “ligeiramente mais complexa”

O mais espetacular é que o Movimento Browniano foi cunhado em homenagem ao seu teórico, **Robert Brown**.

A observação do fenômeno ocorreu a partir de um poema grego “**Sobre a natureza das coisas**”. É como os estudiosos do Direito vivem dizendo: “**Gregos fazem Poesia. Romanos fazem Leis**”.

O Poema dizia :

“**Os átomos movem-se num infinito vazio.**”

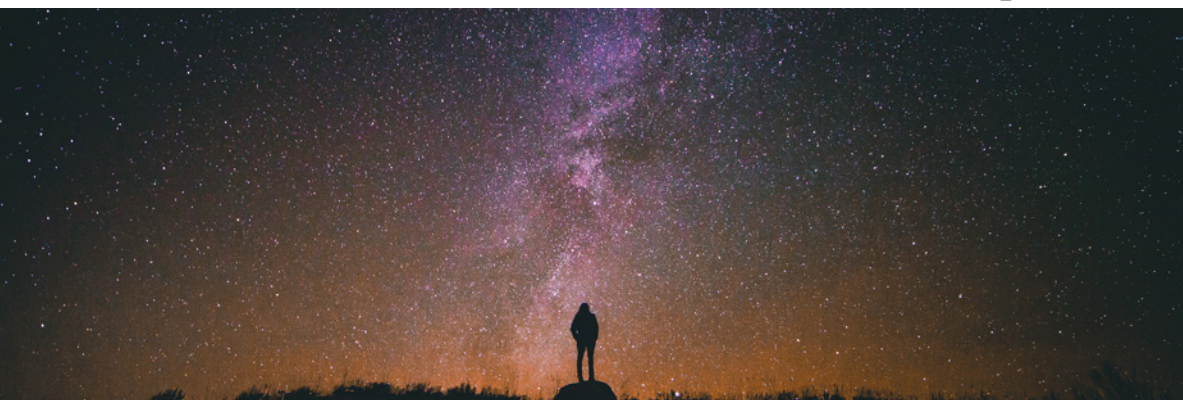
O universo é composto de átomos e vazio, nada mais.

Devido a sermos compostos de uma sopa de átomos em constante movimento[...].

As formas de vida neste mundo e nos outros estão em constante movimento, incrementando a potência de umas formas e diminuindo a de outras.

Os sentimentos percebem as colisões macroscópicas e interações dos corpos[...].”

Robert Brown era biólogo, botânico e escocês. Nos idos de 1827 ele observou o movimento de pólen em um microscópio e





que abalaram a Ciência.

Boa parte desses estudos ainda se desenrolam atualmente e estão ajudando a Humanidade a compreender melhor o Universo e toda a sua complexidade.

É incrível como a Ciência pode ser plural e se misturar no nosso cotidiano!

Ela pode permear a cultura, os filmes, a Arte, nossa

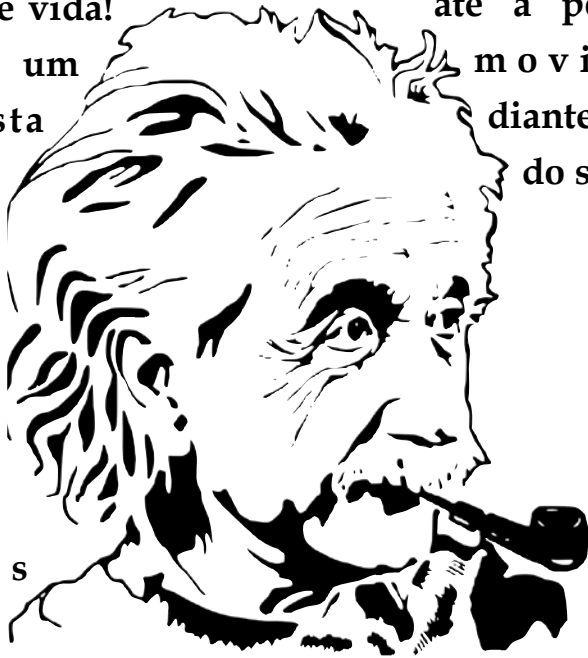
achou que o movimento era uma forma de vida!

Ele era um microscopista de mão cheia. Ele foi um dos pioneiros a tentar descrever o núcleo celular em 1833.

A n o s mais tarde, em 1905, um j o - vem físico chamado **Albert Einstein** resolveu retomar o assunto e isso acabou virando parte dos estudos dele

forma de ver o mundo e até a poeira em

m o v i m e n t o diante da luz do sol.



Sessão Temática IV

LITERATURA E ENTRETENIMENTO



A Beleza do Anacronismo e a Tirania do Tempo

Thaís Parméra

Você já parou para pensar que **fama e reconhecimento são coisas diferentes?**

Qualquer um pode ser famoso. Basta alcançar a crista da onda e curtir a hype. E a fama pode se esvaír em um piscar de olhos.

Reconhecimento é achar nos olhos dos outros o que você pretende expressar ao mundo.

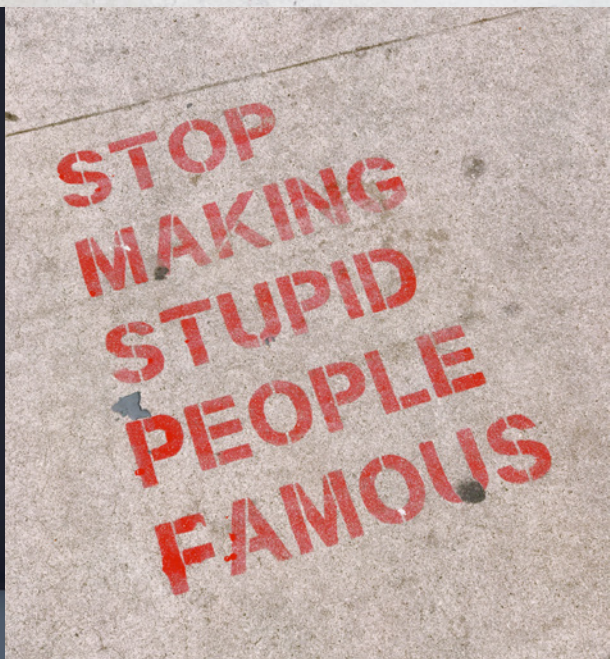
Dá um sentido de identidade e isso nos conecta

como uma coletividade.

No reconhecimento nos deparamos com a honestidade crua e acontece a comunicação entre as almas, entre o pensamento e criamos pontes que podem ultrapassar o tempo-espaço (essa dupla tirania que condiciona a nossa existência).

Se sou reconhecida, existo. E me torno imortal.

É por isso que você pode olhar uma obra de Renoir e se sentir tocado.



É poder escutar Bach e entender a melodia no fundo da sua alma.

É poder ler um poema de Fernando Pessoa e parecer que ele foi feito exatamente para você. É poder olhar um Delacroix e se comover. É ver um filme de 1930 e o enredo fazer sentido. É descobrir a biografia de um grande pensador e entendê-lo e ver que, de alguma forma, além do tempo, do espaço, das gerações, vocês podem conversar.

É se sentir atual e abraçado, apesar do anacronismo.

Acho que passei por isso toda a minha vida.

Meus heróis sempre foram figuras históricas que vive-

ram séculos antes de mim.

E sempre me senti abraçada

por eles e me refletia neles.

E acho que é assim que eu

gostaria de ser eterna. Pro-

duzir algo tão atemporal

que perdurasse. Algo que

fosse além de mim, des-

sa minha miopia que me

prende a essa realidade!

Essa transcendência é

típica da arte. Essa imorta-

lidade, esse sabor de com-

pletude e de ultrapassar





os meus próprios passos, a minha própria vista é algo estarrecedor e me cativa. Eu, como artista, posso passar uma tarde miserável de quinta-feira tomando chá e chorando minhas dores em um pedaço de papel.

Séculos depois, uma outra pessoa pode ler o que escrevi, se identificar e saber que ela não está sozinha.

Não estou sozinha. Nunca estarei e essa é a beleza da Arte.

Os livros, os quadros, as músicas, os movimentos, a voz, os pensamentos sempre me abraçarão. Como sempre fizeram.

Quem se importa quem era a it girl do século XIX?!

Isso é fama. É uma informação muito relevante para uma vida trivial.

Um artista nunca deve se contentar com a realidade e se submeter ao padrão normal das coisas. Devemos buscar o sublime, além do tempo, além do que podemos ver. Porque se a Arte nos invade hoje, ela invadirá novos corações em outro contínuo temporal.

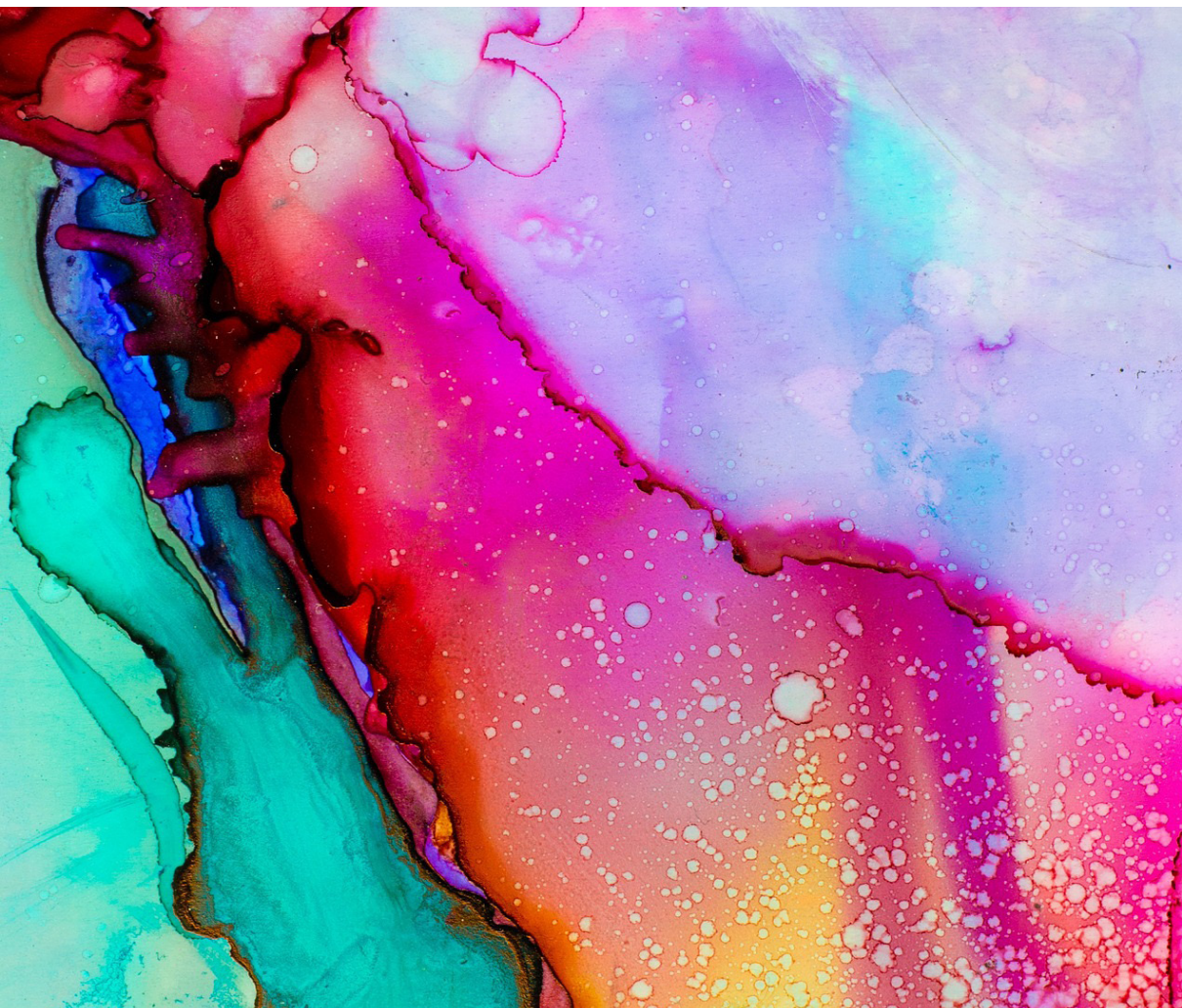
Um artista deveria buscar ser mais como Dickens e tocar, mudar gerações inteiras, de todos os lugares do que angariar 20 mil

curtidas em um conteúdo descartável de 15 segundos.

A verdade é que não sabemos onde o que produzimos pode parar. Prefiro a amizade anacrônica de amigos que ainda não conheço ou nunca conhecerei do que todos saberem meu nome hoje e dentro de 20 anos após a minha morte, ninguém saber quem sou.

Porque enquanto a arte de um artista existir ou tiver tocado alguém, ele existe, ele vive, ele permanece, ele resiste. O tempo é um mero detalhe. Uma variável chata que os artistas aprendem a burlar.

Que tudo o que somos, permaneça! E que sejamos reconhecidos uns nos outros na eternidade da Arte!



A Sociedade do Desapego

Erik Pontes

É típico ouvir de Hoje virarmos produtos, so-
alguém no período atual a mos feitos pra ser consumi-
expressão: «Ah! enjoiei», ou dos e depois descartados.
se não, «eu não consigo me
apegar».

O sociólogo polonês
Bauman, já dizia. Na socie-
dade líquida que pra ele é a
atual, nada é feito pra durar.

É triste? Sim. Mas é
o que tem. Por isso, se você
tem algo recíproco e dura-
douro, valorize, pois aqui
fora, os corações são arranca-
dos, e sem nenhum remorso.



Vazio Urbano

Larah Vasconcellos

Eu não venho do sertão. Na minha vida nunca teve seca.
Não teve sandália de couro, nem coronel nem cangaceiro.

Mas ainda assim, teve dor.

Dor de fome, de abandono, de carência, de desespero.

É assim que se resume a vida?

Nas capitais nunca se tem tempo. Quando o tem, falta dinheiro. Ai também falta alimento, subsídio e respeito. O dinheiro é o que faz a roda girar nos grandes centros. Talvez seja isso que me afaste dele.

A vida, então, não tem brilho. Quando o tem é do suor ,
que pelos rostos cansados escorre sem destino.

De todas as coisas que já desejei, a que mais quero agora
é tempo , acompanhado de alimento, alegria , família e
contentamento.

Há um déficit de todos eles.

Vou correr atrás do tempo. Espero que ele não passe e eu
o perca.

Ou que eu passe e já não dê mais tempo de ter tempo,
porque já me fui.

Eu sou dessas

Ariane Felix

Eu sou dessas, meio old-school, que pregam bilhetinhos na mobília dizendo algo especial.

Dessas mulheres que nunca perderam o brilho de meninice, que pulam bobinhas ao receber de volta o amor que foi dado sem intenção de receber.

Sou careta e escrevo sobre os cachos dos cabelos de alguém.

Ou sobre os olhos azuis de outrem.

Que percebe cada sinal, cada tom, cada som.

Que vê beleza nas coisas fugidias, no semáforo, na janela do ônibus, nas cores do pôr-do-sol, e se sorri com grande entusiasmo.

Mas também sou aquela que se fere nos arames farpados que colocam entre a gente... Que tenta escalar os muros que foram criados entre nós, sem sucesso, mas que nunca desiste.

As mãos feridas são assim.

E a cura se chama poesia.

Pela Manhã

Erik Pontes

Ao acordar, meus pensamentos me guiam até você.

Não quero muito, só preciso daquilo que é verdadeiro, do que não é confuso.

A temporalidade, a mim não cabe.

Só quero o afeto dos gestos, do silêncio, do olhar.

Busco o todo, e deixo a parte de lado, nesse caminho que é amar.

Outro Dia

Cassia Cristina Cunha

1

Outro dia encontrei
uma lágrima no papel,
e a distância de ontem
para este lugar de hoje
é como o piscar da noite:
- um olhar interrogando
os caminhos do meu rosto...
Modelando os descaminhos
no limite das palavras.

2

Os ossos das multidões
marcaram o asfalto.
E murmúrio das massas foi um só:
um grito rouco
indiferente
buscando a vida num medo desenfreado.
Grito apressado
de alegrias transistorizadas,

escondendo olhos que viraram anúncios,
numa pressa melancólica em amar
desenfreadamente assim mesmos,
enquanto se tem direito à vida (?).

3

Grito marcado

gordo em sua indiferença.

Recriado, vencido e distribuído:

- de si para si e para as massas.

Homem cibernético.

Engarrafado em ciclos padronizados,
envelhecido nas cidades numeradas
no avesso marcado das passadas
em descaminhos programados,
que no balanço geral da vida
o cotidiano explica no limite dos sistemas
que reciclam as mudanças de um Homem
que a ciência conquistou, nos séculos do Saber
que fez dos esquemas os ópios dos Sistemas
para completar o futuro das multidões vencidas
no seu grito marcado de querer a vida eterna.

Hoje encontrei
uma lágrima no papel,
e no rosto da multidão
o grito da vida vencida.

Hoje encontrei
uma lágrima no papel,
e no rosto da multidão
a dor geral dos descaminhos.

Antes... inexato.

Hoje... programado.

Hoje encontrei
uma lágrima no papel.

E no rosto da multidão nenhuma palavra de amor,
mas, a dor geral dos descaminhos...

Antes... inexato

Hoje... programado.

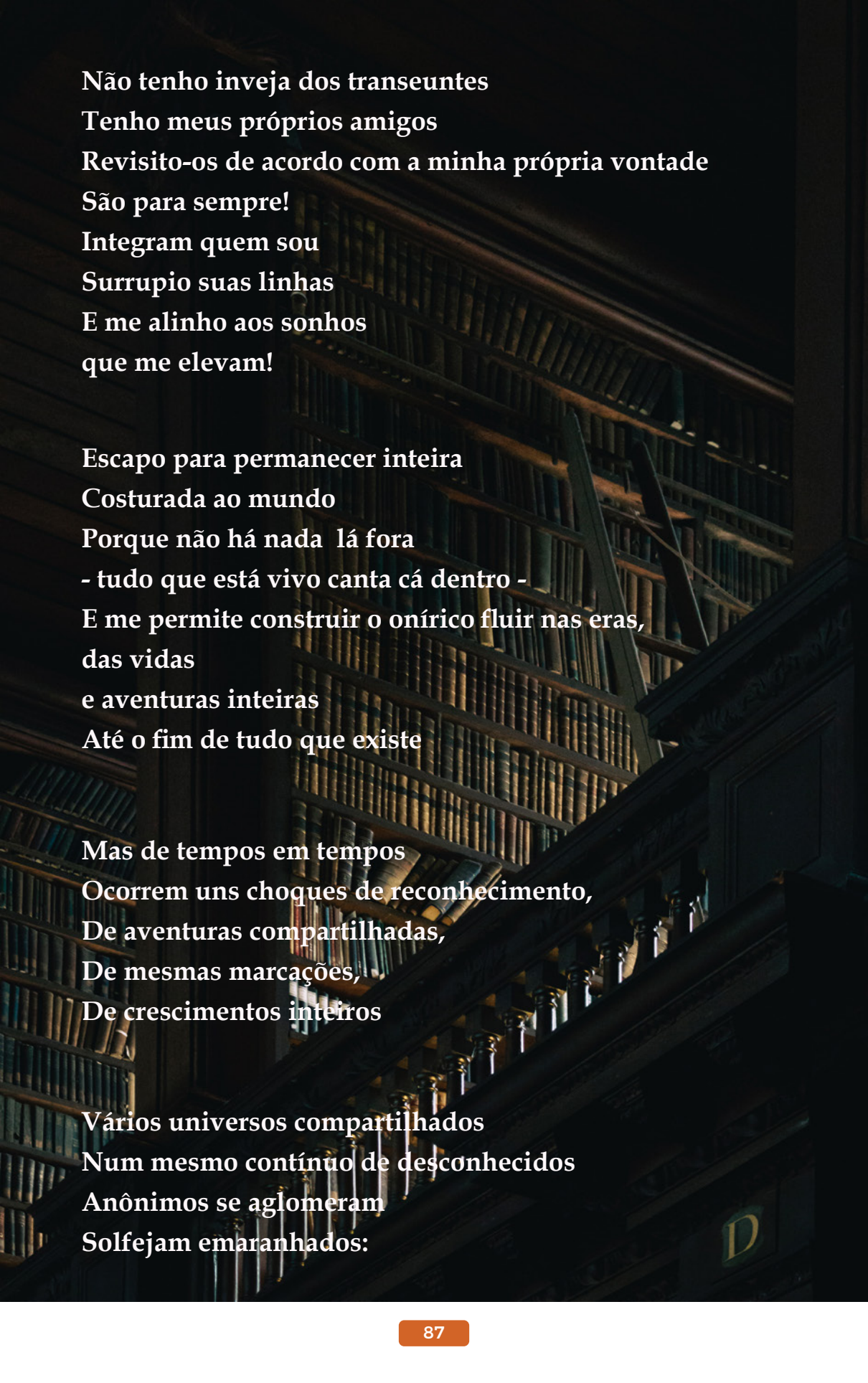
Infinitude

Thaís Parméra

As pessoas correm atropelando o dia
E eu ensurdeço tudo
na calmaria do meu próprio tempo

Vou ao meu repositório de universos
Posso escolher qualquer tempo
Qualquer vida
Qualquer chão
E fujo, sem olhar pra trás,
para tecer uma rede de escape,
de sentimentos,
euforias,
tormentos
Qualquer coisa de diferente

Posso entender a amizade amarelada,
o estalar das horas
E um microcosmos se forma
Invento aquela maravilha
de me perder nos tipos
nos timbres
nas falas
nas lombadas
e nos cheiros de universo novo



Não tenho inveja dos transeuntes
Tenho meus próprios amigos
Revisito-os de acordo com a minha própria vontade
São para sempre!
Integram quem sou
Surrupio suas linhas
E me alinho aos sonhos
que me elevam!

Escapo para permanecer inteira
Costurada ao mundo
Porque não há nada lá fora
- tudo que está vivo canta cá dentro -
E me permite construir o onírico fluir nas eras,
das vidas
e aventuras inteiras
Até o fim de tudo que existe

Mas de tempos em tempos
Ocorrem uns choques de reconhecimento,
De aventuras compartilhadas,
De mesmas marcações,
De crescimentos inteiros

Vários universos compartilhados
Num mesmo contínuo de desconhecidos
Anônimos se aglomeram
Solfejam emaranhados:

Do que foi e do que poderia ser,
Dos prediletos,
Dos odiados
E dos eternos condicionais hipotéticos

E depois as costuras se alargam
Em uma coletividade que sempre está à espera
de um novo escape
de uma nova rota de fuga
Uma recente vontade solitária de sair deste mundo
de imaginar novos olhares sobre o (i)rreal
de uma ideia que se agiganta

Enquanto cada um vira uma página
As chuvas lavam o chão
Golpeiam as janelas
Tropeçam nas pessoas

Calamos os trovões,
Criamos novas vidas
Inundamos sonhos
Imaginamos outros mundos

Nunca estamos sozinhos.

Lemos
E vivemos.

Canto Suave da Noite de Amor!

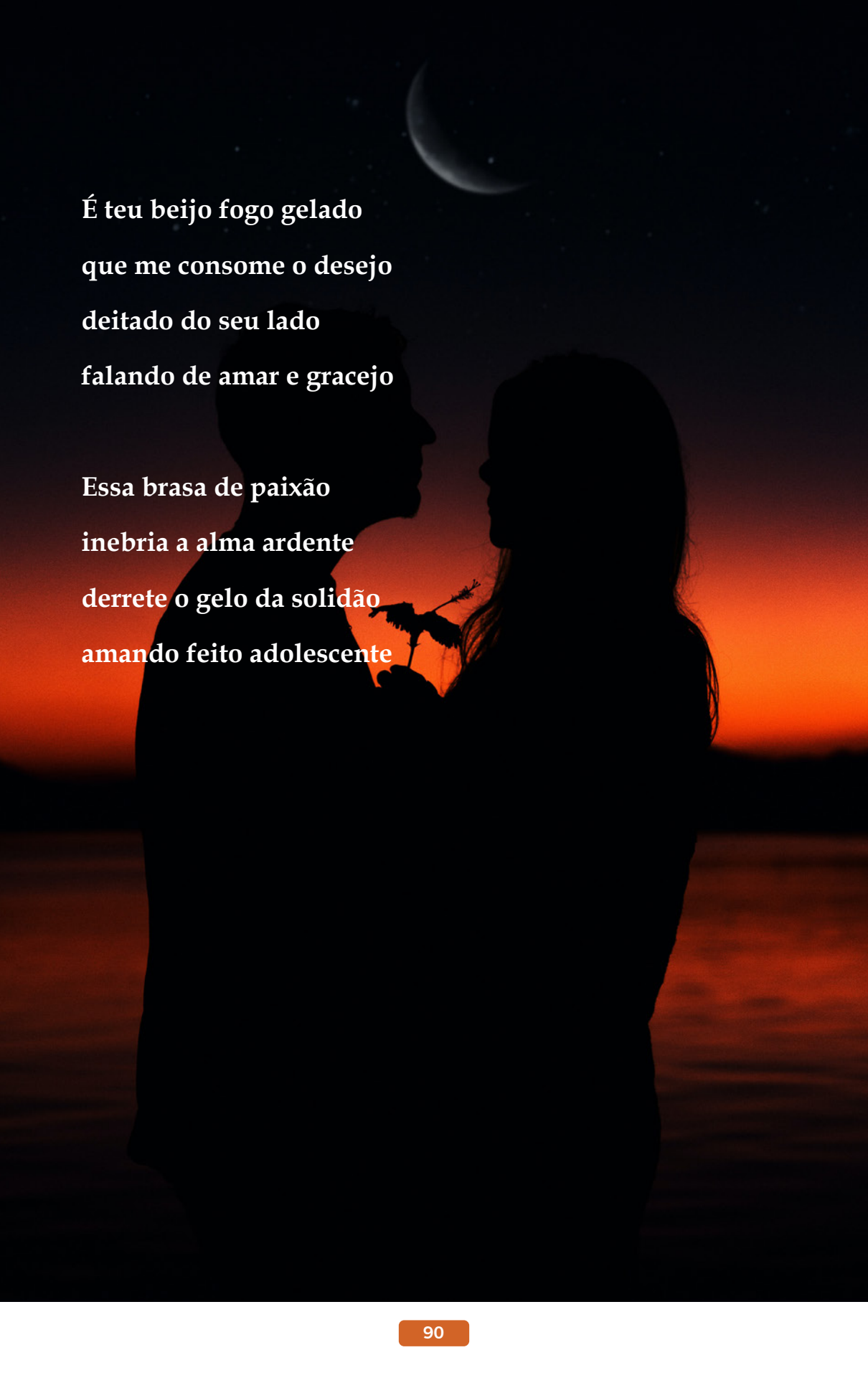
Flavio Joppert

Didascalia: Todas as noites são para
amar principalmente a primeira

Em teus sonhos beijar
adormecido em braços
que são remos do mar
são do amor e amar laços

Sob o céu de estrelas
perdido nos sonhos
amor por vê-las
em beijos insanos

Imagens do sobrenatural
um amor sem igual
vai nesse lance de amor
de carícias e favor



É teu beijo fogo gelado
que me consome o desejo
deitado do seu lado
falando de amar e gracejo

Essa brasa de paixão
inebria a alma ardente
derrete o gelo da solidão
amando feito adolescente

Poesia

Ariane Felix

Ela acorda e sorri para o mundo inteiro
Que vê seu esplendoroso rosto alegrar
Mas este espelho, ah, este espelho
Não se deixa enganar

O sorriso é a máscara das mágoas
Do sofrimento d'uma alma atribulada
Olhos de mar, tristes águas
Negras, vorazes, atormentadas

Debaixo da face desenhada
Por mãos frias, cautelosas
Correm rios de dor abafada

Assim vive, sem querer, mentirosa
Deixando lembranças asfixiadas
Num mar de águas desastrosas

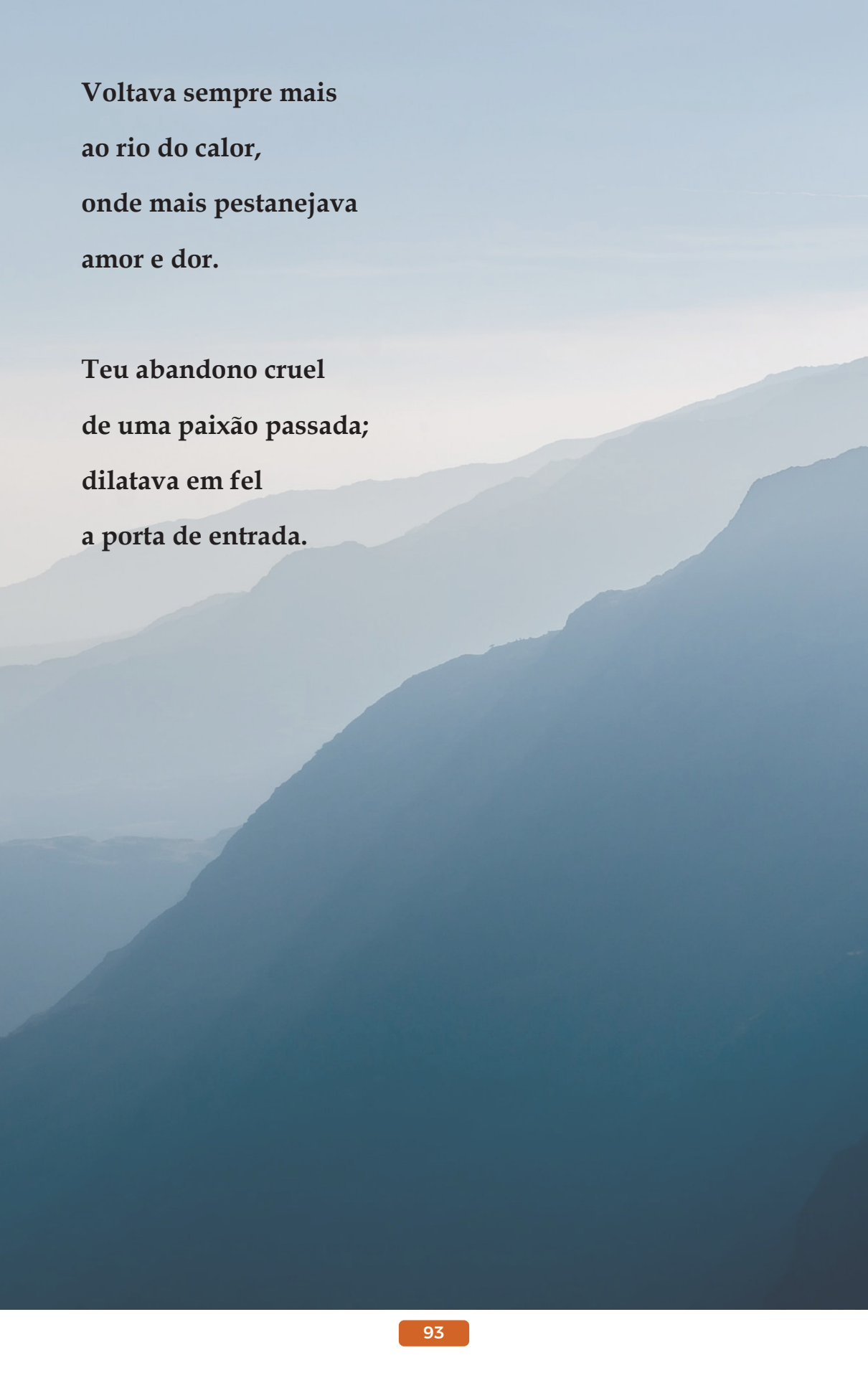
Galo da Serra

Serafim Galizzini

Aquele galo da serrinha
Curto e cobaia também;
me inspirava um amor
proibido no além.

Seus olhos verdes a convidar,
sua boca vermelha a beijar:
o não dito declaração.
Um templo da paixão.

O amor frio e gelado.
O desencontro desesperado.
Aquele sumiço sem consolo.
Fraternidade de tolo.



Voltava sempre mais
ao rio do calor,
onde mais pestanejava
amor e dor.

Teu abandono cruel
de uma paixão passada;
dilatava em fel
a porta de entrada.

Deslocada

Thaís Parméra

Des lo ca da

De tudo o que sei
De todos os sonhos
Do chão

Raste jante

Na cinemática do vazio
Onde o gosto de desespero
Arranhas as luzes
Na distância
entre os meus pés e a verdade
Além do possível
Das visões e dos voos
Em todos os caminhos

S u s p e n s a

Entre a paisagem
Entre as partes e os ritmos da matéria
Nos lampejos
Gaguejante entre os fogos
E aquilo que nunca compreendi
Em nenhuma parte
e de nenhuma sorte

Numa mistura corajosa
a supervisionar
esses vazios
de belezas entorpecidas, alinhadas e particionadas
Na velocidade
que dilui tudo
em meio aos nós indizíveis
delirantes

Des colada

Impressa em métricas tipificadas
Na ausência escaldante
Disposta de alguma vontade disforme
de pairar entre o mundo

Des louca do.

Arsenal de Conjecturas ou um temporal de elucubrações?!

Vidocq Casas
Editado por Thais Parméra

(...),

**ESCUTE, CARA, EU VIVO PARA ESCREVER,
POETAR E POEMAR** pelas liberdades, a Paz e o
Amor

para o mundo ser humano e por todos,
**É A RAZÃO EXTREMA E GLOBAL
DE MY LIFE.**

SEI,

que há muitos outros poetas valentes
poetando e poemando pelas liberdades,
são o meus irmãozinhos belezas,
iconoclastas rebeldes e

SEM MEDO

que esta vida precisa assumir
acariciar, amar e tirar das reticências
petrificadas no esquizofrênico

FRONT

do quotidiano arbitrário e facista
desta sociedade hipócrita, perdulária,
egoísta, perversa, safada, elitista,
sem misericórdia e **METIDA A BESTA !!!**

PODES CRER,

quero ver é um presidente
ou os generais ditadores defecarem cheiroso
quando o povo disser chega de sacanagem,
escravidão e violências...

O GOVERNO NÃO É DEUS!

Ouve, Cara,

LIBERDADE é chama acesa, fogueira viva,
e formigueiro em alvoroço,

para nossa vida sorrir, voar e ser feliz

CHEGA de opressão, submissão, exclusão,
fome, abandono, falta de Saúde e
de político demagogo e ladrão roubando
o povo e o nosso Brasil...

Quanto ao resto, vão para a pqp...

Se não resistirmos, morreremos!



Sessão Temática V

ACONTECEU NO MCT

RTVI

RTVI is a public television station serving the New York City area. It is a member of the Public Broadcasting Service (PBS) and the National Public Television Network (NPTN).

RTVI

RTVI is a public television station serving the New York City area. It is a member of the Public Broadcasting Service (PBS) and the National Public Television Network (NPTN).

RTVI

RTVI is a public television station serving the New York City area. It is a member of the Public Broadcasting Service (PBS) and the National Public Television Network (NPTN).

Fast impact goes beyond top-six role

By [Name] [Date]

It's a good point and remains a major factor in the Yankees' success. The Yankees' success is largely due to the performance of their top six players, who have been instrumental in their recent success. The Yankees' success is largely due to the performance of their top six players, who have been instrumental in their recent success.

Minor leaguers praise treatment from Yankees

By [Name] [Date]

Minor leaguers have praised the treatment they have received from the Yankees organization. They have appreciated the support and guidance they have received from the Yankees organization, which has helped them to develop their skills and reach the major leagues.

Coronavirus and Connelly

By [Name] [Date]

Coronavirus has had a significant impact on the Yankees organization. The team has had to adjust to a new normal, with many players and staff members staying home. The Yankees organization has been proactive in addressing the challenges posed by the pandemic.

Baseball unites father, son amid trying circumstances

By [Name] [Date]

Baseball has brought a father and son together in a meaningful way during these trying circumstances. The father and son have found a common bond in their love of the game, which has helped them to navigate these difficult times.

Put some sexy in quarantine

By [Name] [Date]

Quarantine has inspired many people to get creative and sexy. They have found ways to stay entertained and connected with their loved ones during these difficult times. They have found ways to stay entertained and connected with their loved ones during these difficult times.

Jobbery

By [Name] [Date]

Jobbery has become a major issue in the Yankees organization. Many fans and players are concerned about the integrity of the organization and the fairness of the game. The Yankees organization has been accused of using various tactics to gain an unfair advantage.

Boone: Judge won't go to 1B because of it

By [Name] [Date]

Boone has expressed his concerns about Judge's performance and his potential impact on the Yankees. He believes that Judge's performance is not up to the standards of a first baseman and that his presence on the team is a liability.

Museum pork tucked into \$2T relief pack

By [Name] [Date]

| | |
|--------|---|
| \$10B | For the Department of Health and Human Services |
| \$75M | For the Department of Education |
| \$60M | For the Department of Justice |
| \$25M | For the Department of State |
| \$10M | For the Department of Energy |
| \$7.5M | For the Department of Commerce |

MULUS DEAL

Yanquis, stay home

Lockdown orgy halted



Parque Estadual dos Três Picos em Teresópolis recebe nome de Vidocq Casas

Thaís Parméra

No dia 16 de setembro de 2022 o governador do Estado do Rio de Janeiro sancionou a lei que já tramitava na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro desde 2019. O projeto de lei foi de autoria do deputado estadual Carlos Minc.

A lei 9.854 de 2022 dá o nome de Vidocq Casas para a subsede do Parque Estadual dos Três Picos em Teresópolis (PETP).

O Parque foi criado em 06 de junho 2002 pelo Decreto nº 31.343, possui mais de 65 mil hectares, se estende por cinco municípios, sendo a maior Unidade de Conservação de proteção integral do Rio de Janeiro. Ele é adjacente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO) e a Estação Ecológica Paraíso e assim representa uma grande importância para a preservação da biodiversidade e do meio ambiente desses locais.

Essa homenagem é um reconhecimento pelo intenso trabalho histórico que o fundador do Movimento Conservacionista Teresopolitano (MCT), Vidocq Casas, realizou por toda a sua vida.



Disponível em: <<http://parquesestaduais.inea.rj.gov.br/inea/petp.php>>. Acesso em 05 dez. 2022.



Disponível em: <<https://teretotal.com.br/parque-estadual-dos-tres-picos/>>. Acesso em 05 dez. 2022.

Através do seu incansável trabalho e de outros membros fundadores do MCT, como a vice-presidente fundadora Cassia Cristina Cunha, ele conseguiu defender a natureza de forma constante e inabalável na garantia de políticas públicas que garantissem a preservação do meio ambiente para toda a humanidade, incluindo gerações futuras.

O Movimento Conservacionista Teresopolitano

parabeniza essa iniciativa de manter viva a memória de Vidocq Casas como um benfeitor da humanidade que inspira a todas as pessoas a pensar globalmente em prol de um ideal de sustentabilidade capaz de impactar o futuro em todas as suas perspectivas.

Como diria Vidocq Casas: "Se não resistirmos, morreremos!"

Atividades da Oficina da Poesia & Criação do Movimento Conservacionista Teresopolitano

Thaís Parméra

O ano de 2022 foi bastante dinâmico para a Oficina da Poesia & Criação! Ele é um projeto tradicional do Movimento Conservacionista Teresopolitano e realizou vários eventos ao longo desse ano.

Em 17 de maio o projeto participou da abertura da 20ª Semana Nacional de Museus junto com a Academia de Letras do Brasil - ALB de Teresópolis.



Oficina da Poesia & Criação na 20ª Semana Nacional de Museus

O evento ocorreu na Casa da Memória Arthur Dalmasso e consistiu em um sarau poético, palestras, como a da psicóloga Maristela Gonçalves, e sorteio de livros.

Além de convidados, estiveram presentes os poetas: Moema Tavares, José de Jesus Santos, Marquinho Salomão, Cláudia Lundgren, Matheus Moura, Patrícia Lundgren e Waldir José do Couto. O evento terminou com a homenagem ao Dr. Jorge Luis Dodaro, presidente do Elos Clube Teresópolis, que faleceu recentemente.

No dia 09 de junho a Oficina da Poesia & Criação realizou seu 4º Sarau Poético na biblioteca do SESC de Teresópolis. Estiveram presentes na ocasião foram declamados poemas de Moema Tavares, Ozair Furtado, Vidocq Casas, Lady Léa, Sônia Bruno entre outros autores. Também foram realizados sorteio de livros.



Oficina da Poesia & Criação no 4º Sarau no SESC de Teresópolis

Ainda em junho houve a parceria da Academia de Letras do Brasil - ABL Teresópolis com a Oficina da Poesia & Criação no II Concurso de Poesias da Estácio de Teresópolis que esse ano teve participações internacionais.

O ganhador do 1º lugar foi para o angolano Kialunga Afonso com o poema “Além das vidas”. Já o 2º lugar foi para Gustavo Bauer, natural de Garulhos (São Paulo) com o poema “Nascentes da Esperança”.

O 3º lugar foi para Vera Raposo com o poema “Aos Poetas”.

Outros poetas receberam o prêmio de Menção Honrosa da ABL como Alessandra Ferreira, Camilla Marra, Fidelino Dias e Thay Lucas. O evento foi transmitido ao vivo pela página a “Mais Terê” coordenado por Rute Mendonça Palhares. Houve também a participação do grupo “Fala Poética” que homenageou Pedro Lage.



Oficina da Poesia & Criação no II Concurso de Poesias da Estácio de Teresópolis

Em julho a Oficina da Poesia & Criação participou do Festival de Inverno do SESC em Teresópolis.

O projeto realizou um sarau com a participação de Margarida Maria Moura, Luis Esteves, Erica Rosa e Gabriela Rosa, Moema Tavares, Margareth Rech, Thiago Dumard, Mônica Lotze, Waldir José do Couto, Vera Raposo, Cláudia Raposo, Sandra Reys, Jusara Marinho, Arthur Esteves, Carlos Bruno, Maristela Gonçalves, Gustavo Nolasco e Marquinho Salomão. Além da declamação

de poemas, houve a performance “O Cavaleiro da Esperança”, interpretado por Paulo Cezar de Souza e a participação da desenhista e artesão Maria Angélica Bernardes.



Oficina da Poesia & Criação no Festival de Inverno do SESC em Teresópolis



Sarau "Mãos Poéticas" da Oficina da Poesia & Criação na biblioteca do Sesc Teresópolis

Em agosto houve um novo Sarau da Oficina da Poesia & Criação intitulado "Mãos Poéticas" que foi realizado na biblioteca do SESC de Teresópolis.

Foram recitadas poesias de Manoel Bandeira e Diva Linhares.

No dia 28 de setembro houve a entrega do troféu do II Concurso de Poesias

da Estácio Teresópolis. O evento foi uma noite de gala na Academia de Letras do Brasil sucursal de Teresópolis.

Na ocasião a Oficina da Poesia & Criação entregou um diploma de Mérito Literário da Oficina da Poesia & Criação para o ganhador do 1º lugar, Kialunga Afonso Martins, natural de Angola.



Entrega do Troféu do II Concurso de Poesias da Estácio Teresópolis



Participação da Oficina da Poesia & Criação no PoêTerê 2022

Em novembro foi realizada mais uma edição do “PoêTerê” que esse ano recebeu o título “Nossa terra, nossa gente, nossa cultura – 100 anos do Modernismo na Cultura Brasileira”.

A Oficina da Poesia & Criação, em parceria com a Academia de Letras do Brasil de Teresópolis, participou do evento no café literário com alunos e professores da Escola Municipal Professora Mariana Leite Guimarães localizada em Bonsucesso.

*Todas as imagens dos eventos foram gratuitamente fornecidas pelos membros da Oficina da Poesia & Criação.



A Luta pela defesa da Cultura da Feira de São Cristóvão continua!

Thaís Parméra

Gilberto Teixeira, artista e membro do Movimento Conservacionista Teresopolitano, tem um histórico de militância ambiental e cultural, sobretudo em relação a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro que também é conhecida como Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

Ele integra o Coletivo de Artistas da Feira de São Cristóvão que lutou pela

aprovação do Projeto de Lei 746/21 na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O Projeto de Lei (PL) foi aprovado por unanimidade no dia 02 de agosto de 2022. O PL cria uma lei que rege de fato e de direito as tipicidades das políticas de cultura nordestinas através da criação do Programa de Salvaguarda Cultural da Feira de São Cristóvão do Rio de Janeiro a partir da proteção, preser-



Gilberto Teixeira e outros militantes do Coletivo de Artistas da Feira de São Cristóvão

vação e promoção dos bens materiais e imateriais, do patrimônio cultural nordestino, a diversidade das expressões, manifestações e práticas típicas e estimular o aperfeiçoamento de profissionais da área. Ele também estimula a cooperação entre os diferentes entes públicos e privados para promover a cultura do país.

O PL é de autoria dos seguintes vereadores: Chico Alencara, Cesar Maia, Tarcísio Motta, Reimont, Carlos

Eduardo, Victor Hugo, Eliel do Carmo, Luciano Medeiros, Marcos Paulo, Thais Ferreira, Tainá de Paula, Monica Benício, Célio Lupparelli, Vera Lins e João Mendes de Jesus.

Agora o PL o sancionamento pelo Prefeito Eduardo Paes. Essa luta tem mais de 20 anos e representa uma grande conquista para a cultura nordestina no Estado do Rio de Janeiro e no país.

A luta continua!

Você quer ser um voluntário?

**Junte-se ao Programa de
Voluntariado Benfeitores da
Humanidade!**

**Quer
saber
mais?!**

Acesse:

<https://shortest.link/1mhC>

CONECTE-SE AO MCT!

Fique por dentro das novidades, projetos e campanhas através das nossas mídias sociais!



Movimento Conservacionista Teresopolitano



<http://resistenciaverde.blogspot.com>



@ mct.ong



@ mct_ong

